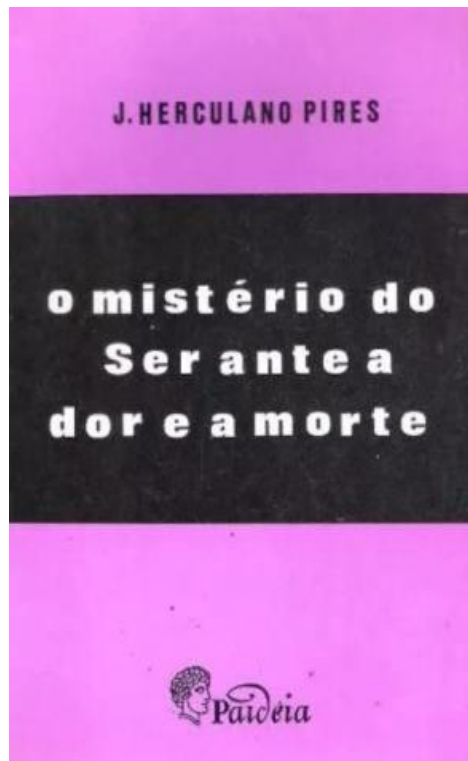


Herculano Pires

O Mistério do Bem e do Mal
(Lições de Espiritismo / Crônicas)



Conteúdo resumido

José Herculano Pires manteve, durante muitos anos, no jornal “Diário de São Paulo”, órgão dos Diários e Emissoras Associados, uma coluna de crônicas espíritas, na qual abordava temas de interesse geral relacionados com a doutrina codificada por Allan Kardec. Assinava-as com o pseudônimo de Irmão Saulo.

Nesta obra estão reunidas algumas das mais interessantes crônicas do autor, publicadas no referido jornal.

Jornalista, filósofo, escritor e professor, Herculano Pires alcançou grande conceito dentro e fora do movimento espírita. Sua produção literária ultrapassa aos oitenta títulos; alguns deles constituem-se verdadeiras obras filosóficas.

Herculano dedicou a maior parte de sua existência em favor da Doutrina Espírita, seja buscando interpretá-la com fidelidade, seja defendendo-a dos ataques dos adversários.

Nota da Editora.....	5
1 – Necessidade do estudo de Kardec para discernimento doutrinário.....	6
2 – Irrefutáveis as provas da sobrevivência humana	9
3 – Filosofia viva e racional, sem o espírito de sistema	12
4 – Restabelecendo o equilíbrio nas relações corpo-espírito.....	15
5 – De como os princípios cristãos modificam a estrutura do mundo	18
6 – Evocação do momento em que Jesus nasceu entre os homens	21
7 – Desde o Gênesis, ao Apocalipse, os espíritos ensinam os homens	24
8 – Estudo objetivo dos problemas e das leis da vida espiritual.....	27
9 – Jardineiro do amor.....	29

10 – O homem novo	30
11 – Conquistando a fé.....	31
12 – Ajuda espírita	32
13 – É necessário remontar às origens para esclarecimento doutrinário.....	33
14 – Como o espírito vence a matéria e a religião triunfa sobre o culto.....	36
15 – ”Tenho ainda muito que vos dizer, mas não o podeis suportar agora.”.....	39
16 – O criminoso é nosso próximo, como o melhor entre os homens	42
17 – Acusação que matou Sócrates e preparou a cruz para o Cristo.....	45
18 – Assistência dos espíritos nas dificuldades da vida	48
19 – Seqüência lógica e natural das três revelações cristãs.....	50
20 – Queria primeiro o acréscimo, para depois procurar o Reino.....	53
21 – O mistério do bem e do mal	56
22 – Sanson e Schutel.....	58
23 – O mistério de Paulo	60
24 – O anjo	62
25 – A verdade vos libertará	65
26 – Descrições da vida espiritual nas zonas inferiores do espaço.....	67
27 – Estudo espírita do processo de desenvolvimento do Cristianismo	70
28 – Luz interna a clarear atitudes, em vez de cartaz de propaganda.....	73
29 – Importância da obra de Kardec e sua significação no momento	76
30 – Conquista de Marte	79
31 – Desenvolve-se a ciência positiva nos rumos da concepção espiritual.....	81
32 – Por um homem veio a ressurreição	83
33 – Duas meninas responderam às perguntas do professor	85

34 – Uma fábula do III Milênio divulgada no meio espírita	88
35 – O que é divinismo	90
36 – Kardec e a ciência espírita.....	92
37 – Estudos históricos desautorizam confusões entre magia e Espiritismo	95
38 – A última vitória	97
39 – A hora H do Espiritismo.....	100
40 – Reencarnação	103
41 – Falta de formação doutrinária.....	105
42 – A vida futura.....	110
43 – Religião que se baseia nos resultados da investigação	112
44 – Problema do sincretismo religioso afro-brasileiro	114
45 – Fenômenos espíritas ou parapsicológicos?.....	117

Nota da Editora

O presente livro é a reunião de crônicas escritas por J. Herculano Pires e publicadas, em sua maioria, no extinto jornal *Diário de São Paulo*. Como os leitores poderão ver, a atualidade destas páginas é indiscutível. Herculano Pires foi um dos mais felizes intérpretes do pensamento espírita dentre os que reencarnaram e já retornaram à vida espiritual. Por isso, seus escritos constituem páginas de grande importância para os estudiosos do Espiritismo. Ao reuni-las em livro e apresentá-las ao público, *Edições Correio Fraternal* presta homenagem a José Herculano Pires, no décimo ano de seu desencarne.

S. Bernardo do Campo, Março de 1989.

1.

Necessidade do estudo de Kardec para discernimento doutrinário

Confusões intencionais e não-intencionais, lançadas nos meios espíritas – O problema umbandista – Mensagens de Ramatis.

Há muitas confusões, feitas intencionalmente ou não, entre o Espiritismo e numerosas formas de credence popular, inclusive as formas de sincretismo religioso afro-brasileiro, hoje largamente difundidas. Adversários da doutrina espírita costumam fazer intencionalmente essas confusões, com o fim de afastar do Espiritismo as pessoas cultas. Por outro lado, alguns espíritas mal-orientados, que não conhecem a própria doutrina, colaboram nesse trabalho de confusão, admitindo como doutrinárias as mais estranhas manifestações mediúnicas e as mais evidentes mistificações.

Alguns leitores se mostram justamente alarmados com a larga aceitação que vêm tendo, em certos meios doutrinários, práticas de Umbanda e comunicações de Ramatis. E nos escrevem a respeito, pedindo uma palavra nossa sobre esses assuntos. Na verdade, já escrevemos numerosas crônicas tratando da necessidade de vigilância nos meios espíritas, de maior e mais seguro conhecimento dos nossos princípios, e apontando os perigos decorrentes do entusiasmo fácil, da aceitação apressada de certas inovações. Mas, para atender às solicitações, voltaremos hoje ao assunto.

Kardec dizia, como muita razão, que os adeptos demasiado entusiastas são mais perigosos para a doutrina do que os próprios adversários. Porque estes, combatendo o que não conhecem, evidenciam a própria fraqueza e contribuem para o esclarecimento do povo, enquanto os adeptos de entusiasmo fácil comprometem a causa. O que estamos vendo hoje, no meio espírita brasileiro, não é mais do que a confirmação dessa assertiva do codificador. Espíritas demasiado entusiastas estão sempre prontos a receber qualquer “nova revelação” que lhes

seja oferecida e a divulgá-la sofregamente, como verdades incontestáveis. Que diferença entre o equilíbrio e a ponderação de Kardec e essa afoiteza inútil e prejudicial!

No tocante à Umbanda, já dissemos aqui, numerosas vezes, que se trata de uma forma de sincretismo religioso, ou seja, de mistura de religiões e cultos, com a qual o Espiritismo nada tem a ver. As formas de sincretismo religioso são, praticamente, as nebulosas sociais de que nascem as novas religiões. A Umbanda já superou a fase inicial de nebulosa, estando agora em plena fase de condensação. É por isso que ela se difunde com mais intensidade. Já se pode dizer que é uma nova religião, formada com elementos das crenças africanas e indígenas, misturados a crenças e formas de culto do catolicismo e do islamismo em franco desenvolvimento entre nós. O Espiritismo não participou da sua formação, embora os nossos sociólogos, em geral, exatamente por desconhecerem o Espiritismo, digam o contrário, pois confundem o mediunismo primitivo, de origem africana e indígena, com os princípios de uma doutrina moderna. Nós, espíritas, devemos respeitar na Umbanda uma religião nascente, mas não podemos admitir confusões entre as suas práticas sincréticas e as práticas espíritas.

Quando às mensagens de Ramatis, também já tivemos ocasião de declarar que se trata de mensagens mediúnicas a serem examinadas. De nossa parte, consideramo-las como mensagens confusas, dogmáticas, vazadas na linguagem típica dos espíritos pseudo-sábios, a que Kardec se refere na escala espírita de *O Livro dos Espíritos*. Cheias de afirmações absurdas e até mesmo contraditórias, essas mensagens revelam uma fonte que devia ser encarada com menos entusiasmo e com mais cautela pelos espíritas. Em geral, nossos confrades se entusiasмам com “as novas revelações” aparentemente contidas nas mesmas, esquecendo-se de passá-las, como aconselhava Kardec, pelo crivo da razão.

O que temos de aconselhar a todos, pelo menos a todos os que nos consultam a respeito, é mais leitura e mais estudo de Kardec, e menos atenção a espíritos que tudo sabem e a tudo respondem com tanta facilidade, usando sempre uma linguagem

envolvente, em que nem todos sabem dividir a verdade do erro. “O Espiritismo”, dizia Cairbar Schutel, “é uma questão de bom-senso”. Procuremos andar de maneira sensata, na aceitação de mensagens mediúnicas.

2.

Irrefutáveis as provas da sobrevivência humana

Experiências científicas e argumentos contrários – A teimosia dos fatos – O problema dos interesses em jogo.

O Espiritismo prova a imortalidade da alma, a sobrevivência do homem, além do túmulo. Essa prova nos é dada por várias maneiras: pelas comunicações mediúnicas, pelas manifestações espontâneas dos Espíritos, pelas experiências de materialização, pela investigação da própria sensibilidade humana e pelas pesquisas hipnóticas na memória profunda, de acordo com as famosas experiências de Albert De Rochas. O Espiritismo não se limita, portanto, a afirmar que o homem sobrevive à morte. Ele vai mais longe, provando esse fato.

Mas provas do Espiritismo, – dizem alguns contraditores da doutrina –, não foram aceitas universalmente, permanecendo como provas apenas entre os seus adeptos. Seria isto verdade? Não! Podemos contestar essa afirmação com absoluta firmeza. As provas do Espiritismo são provas de valor universal e até hoje não contestadas, jamais destruídas. Quem já conseguiu negar a possibilidade dos fenômenos de materialização, de voz direta, de incorporação, de tipologia, destruindo as provas científicas resultantes das experiências de Crookes, de Richet, de Notzing, de Lodge e de tantos outros?

De vez em quando, as livrarias publicam um livro ou os jornais inserem artigos e entrevistas de personalidades ilustres, negando o valor daquelas provas. Logo a seguir, porém, surgem as contestações enérgicas, as réplicas entusiastas. E a verdade é que ninguém pode pretender aniquilar experiências através de argumentos, pois todos sabemos que contra fatos não há argumento. Ora, o que o Espiritismo apresenta são fatos, poderosos fatos, inegáveis fatos, cientificamente verificados, e o que é mais importante – verificados por cientistas que não eram espíritas. Só há uma maneira de se destruir o valor desses fatos: demonstrar, através de novas pesquisas e experiências, tão

rigorosas quando aquelas, e realizadas por homens da mesma capacidade científica, que Crookes, Richet, Lodge e os demais se enganaram.

Os fatos, porém, são terrivelmente teimosos. Resistem a todos os argumentos, a todas as razões dos homens. São como as rochas e as ondas, cuja existência só podemos negar à distância. São como a evolução da terra em redor do sol que, mesmo com o sacrifício de Galileu, não deixou de existir, tento de ser constatada mais tarde, por aqueles mesmos que combatiam o sábio. E a verdade é que, quando um cientista se propõe, não a argumentar contras as provas espíritas da sobrevivência, mas a destruí-las, e se lança à tarefa com honestidade, acaba por comprová-las e se torna espírita.

Aí estão, mesmo agora, alguns exemplos nesse sentido. O prof. Joseph B. Rhine, da Duke University, Carolina do Sul, Estados Unidos, entendeu que as experiências de Richet não eram suficientes, e criou novos métodos de pesquisa, na base de uma doutrina nova, a Parapsicologia. Os seus trabalhos, entretanto, acabaram por convencê-lo da realidade espiritual. Na Universidade de Oxford há outro grande exemplo: o prof. Harry Price, cujos estudos a respeito da fenomenologia espírita têm tido intensa repercussão internacional. Na Universidade de Upsala, na Suécia, há o exemplo do prof. Bjorkhem, que ainda há pouco publicou o resultado de trinta mil experiências realizadas entre estudantes universitários suecos.

As provas espíritas são postas em dúvida, em geral, por pessoas que não se preocupam com o assunto, que não se enfrontaram nos problemas por elas levantados; ou, então, por pessoas que têm interesse, não raro profissional ou sectário, ou ambos, em negá-las; ou, ainda, por pessoas demasiado afoitas, que tiram conclusões precipitadas de algumas experiências mal feitas. Jamais, em parte alguma, houve um grande cientista, realmente capaz e responsável, que contestasse as provas espíritas da sobrevivência e as destruísse com experiências válidas. Pelo contrário, o que tem havido, por toda parte e incessantemente, são comprovações da sobrevivência humana provada pelo Espiritismo. Quem quiser, portanto, falar de

Espiritismo, deve ter o cuidado de examinar bem o assunto, sem espírito preconcebido e sem atitudes sectárias, sob pena de cometer os ridículos de Dom Quixote, que se lançava contra os moinhos de vento, pensando atacar gigantes imaginários, e tinha de sofrer o duro impacto da realidade.

3.

Filosofia viva e racional, sem o espírito de sistema

A posição filosófica de Kardec – Uma lição de Casirer – A moral espírita decorre dos ensinamentos do Cristo.

Kardec foi ou não foi um filósofo? O Espiritismo é ou não é uma filosofia, um sistema filosófico? Essas indagações vêm sendo formuladas ultimamente, em alguns meios espíritas, diante da alegação de alguns adversários da doutrina, em sentido contrário. Justo, pois, que alguns leitores nos interpelem a respeito, tanto mais quando ainda há pouco houve uma referência ao assunto, neste mesmo jornal. Por outro lado, o problema é realmente de interesse doutrinário.

A propósito de Kardec, a primeira coisa a considerar é que ele jamais se disse filósofo ou pretendeu entrar para a galeria dos filósofos. Sua especialidade era a pedagogia. Foi discípulo emérito de Pestalozzi e interessou-se a fundo pelos problemas pedagógicos, deixando, na França, numerosos livros didáticos. Apesar de sua vasta cultura, e de ser constantemente solicitado pelos meios culturais da época, o interesse de Kardec não se voltava para as glórias humanas. Preferiu colocar o seu saber e a sua inteligência a serviço da espiritualidade.

Quanto ao Espiritismo, é indiscutível a existência de uma filosofia espírita, cujo tratado fundamental é *O Livro dos Espíritos*. Nesse ponto, poderíamos ver uma contradição com o que dissemos acima. Basta lembrarmos, porém, que *O Livro dos Espíritos* não é de Kardec, mas dos Espíritos, para vermos que não há contradição. O próprio mestre fez sempre questão de esclarecer que a filosofia espírita não fora elaborada por ele, mas pelas entidades espirituais que, sob a égide do Espírito da Verdade, transmitiram-lhe a nova revelação.

Há pouco, alguém declarou, em entrevista a um jornal do norte do país, que *O Livro dos Espíritos* não pode ser considerado um livro filosófico, porque não está vazado na linguagem técnica. Seria o caso de perguntarmos se filosofia é

uma técnica de linguagem ou um processo de indagação da verdade através do pensamento. Parafraseando conhecida passagem evangélica, podemos dizer que a filosofia é senhora da linguagem técnica e não o contrário. O que importa em *O Livro dos Espíritos* é a filosofia contida nas suas páginas, e não qualquer espécie de vocabulário técnico, da mesma maneira que o que importa no Evangelho é a sua filosofia de vida, não as suas formas de expressão.

Outra coisa de que devemos nos lembrar é que *O Livro dos Espíritos* não se destinava a criar uma nova escola filosófica, mas a fazer uma nova revelação. Assim como, sobre a revelação do Cristo, os homens trabalharam para construir sistemas filosóficos, assim também, sobre a revelação do Espírito da Verdade, os filósofos poderão construir os seus sistemas. Mas, da mesma maneira por que existe uma filosofia cristã, representada pelos princípios evangélicos, que transformaram o mundo, também existe uma filosofia espírita, orientando as novas transformações por que o mundo tem de passar, para que o Reino de Deus nele se estabeleça.

Ainda hoje se discute se existe ou não uma filosofia cristã. Não é, pois de estranhar que se pergunte pela filosofia espírita. Entretanto, no próprio *O Livro dos Espíritos* encontramos uma explicação de Kardec a respeito deste assunto. Diz o mestre: “Ele foi escrito por ordem de (e ditado pelos) Espíritos Superiores, para estabelecer os fundamentos de uma filosofia racional, livre dos prejuízos do espírito de sistema”. Como se vê, não interessava a Kardec formular um sistema filosófico no estilo clássico, aliás, já superado inteiramente hoje em dia, quando se compreende que a verdade não pode ser encerrada na melhor das sistematizações humanas.

Os que não vêem filosofia no Espiritismo e não reconhecem a Kardec uma posição filosófica, em virtude de questões puramente formais e, portanto, convencionais, deviam lembrar-se de que Jesus também não formulou um sistema filosófico, ao gosto da época, e que o verdadeiro pai da filosofia grega, Sócrates, também não se interessou por isso. Ernst Casirer, em sua *Antropologia Filosófica*, acentuando a inconveniência dos

sistemas clássicos, declara: “Cada teoria se converte num leito de Procusto, em que os fatos empíricos são obrigados a se acomodar a um padrão preconcebido”. Como se vê, a opinião de Kardec, sobre os inconvenientes do “espírito de sistema”, é referendada por um dos maiores pensadores atuais.

Uma das coisas que se aponta, em *O Livro dos Espíritos*, como antifilosófico, é a forma didática e, particularmente, a forma dialogada. Devemos lembrar, porém, que o diálogo é uma forma tradicional de exposição filosófica, em que os grandes filósofos sempre foram mestres. A pedagogia é uma parte da filosofia, e a própria filosofia é também pedagógica, segundo assinala René Hubert, acentuando: “Toda filosofia aspira a difundir-se, a ser uma propaganda. Ter a mão cheia de verdades e conservá-la fechada é de espíritos tacanhos. O que seria, pois, uma verdade que não quisesse comunicar-se?”

De tudo o que ficou dito, conclui-se que a posição filosófica de Kardec é inegável, embora ele nunca se dissesse filósofo; que o Espiritismo possui uma filosofia, racional e livre do espírito de sistema; e, por fim, que o problema filosófico do Espiritismo é o mesmo do Cristianismo. Quando à existência de uma ética espírita, negada por ilustre opositor da doutrina, repetimos que a moral espírita é a do Cristo, como se vê em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, e que a terceira parte de *O Livro dos Espíritos* é inteiramente dedicada ao estudo das leis morais.

4. **Restabelecendo o equilíbrio nas relações corpo-espírito**

Entre duas formas de exagero, a compreensão espírita
– Charlatanismo e superstições no passado e no presente
– Desenvolvimento cíclico da mente humana.

A natureza humana é um conjunto de ações e reações espirituais e materiais. Interpretá-la apenas através de um dos seus aspectos é cair fatalmente no erro. De um lado, temos a alma, o espírito encarnado, que é o senhor e o diretor do corpo. De outro lado, o organismo físico, na plenitude da sua vitalidade animal. Na antiguidade, e particularmente na Idade Média, a mentalidade popular, apegada ao sentimento do maravilhoso, atribuía tudo ao espírito, subestimando a ação do corpo. Vieram daí os exageros de toda espécie, criando superstições e temores, de que se originaram muitas crenças, rituais e dogmas religiosos.

A partir do Renascimento, o problema foi praticamente invertido nos seus termos. O acurado racionalismo medieval explodiu no Renascimento em novas formas de interpretação da vida. A filosofia deixou de ser a antiga serva da teologia, e a revolta intelectual contra a tradição e a autoridade abalou profundamente a mentalidade popular. Os homens passaram a desconfiar das explicações místicas, a repelir superstições, e chegaram, no mundo moderno, ao exagero oposto, dando supremacia ao corpo e negando ou subestimando a ação do espírito.

Foi exatamente quando mais se acentuava essa nova forma de exagero, de parcialidade, que o Espiritismo surgiu no mundo, dando pleno cumprimento à promessa do Consolador, formulada por Jesus. A função do Espiritismo é restabelecer o equilíbrio, conduzindo o homem à verdade. Sua advertência pode ser interpretada assim: “Nem tanto à terra, nem tanto ao mar”. O Espiritismo demonstrou, cientificamente, servindo-se das mesmas armas do materialismo – como disse Kardec – que a

existência da alma não era uma superstição. E provou, de maneira insofismável, que a ação dos espíritos desencarnados sobre os homens é tão real, como a ação dos raios e emanações invisíveis da natureza.

No seu maravilhoso livro *A Gênese - os Milagres e as Predições, segundo o Espiritismo*, Kardec analisa a razão por que o Espiritismo só podia aparecer em meados do século passado, e conclui: “O Espiritismo, tendo por objeto o estudo de um dos dois elementos constitutivos do universo, toca forçosamente na maioria das ciências, e não podia surgir senão depois da elaboração delas. Surgiu, pois, pela própria força das coisas, diante da impossibilidade de tudo se explicar somente com a ajuda das leis da matéria”.

Dessa maneira, podemos apresentar a evolução da mente humana como um perfeito processo cíclico: partindo da aceitação intuitiva da ação do mundo invisível sobre o homem, a mente passa a negar esse fato num estágio superior do seu desenvolvimento para, afinal, voltar a admitir a verdade primitivamente intuída, mas já agora através da razão amadurecida e das provas experimentais.

O charlatanismo e a superstição figuram em larga escala no processo de formação das religiões antigas e modernas. São explorações da credulidade, devidas à imperfeição das criaturas humanas. Hoje, existe também o charlatanismo na ciência, e existem formas de superstição nascidas de teorias científicas. Uma dessas formas, e das mais nefastas, é a que considera os desequilíbrios psíquicos como simples manifestações de desordens orgânicas.

Essa superstição se origina da negação do elemento espiritual, considerado como produto ou secreção da matéria, e conduz à destruição de todo e qualquer sentimento religioso. Contra essa forma moderna de superstição, que é o inverso das superstições do passado, só um remédio se mostra realmente eficaz: a demonstração científica da realidade do espírito. Essa demonstração é feita pelo Espiritismo e pelas teorias científicas dele decorrentes: a metapsíquica, a chamada ciência psíquica inglesa, e a parapsicologia.

As ciências biológicas atuais, resultantes da revolta intelectual do Renascimento, mostram-se impregnadas da superstição materialista. Mas a contribuição espírita vem ganhando terreno nos meios culturais do presente, como se vê no crescente interesse pela parapsicologia em todo o mundo, e mesmo nos meios religiosos mais adiantados, onde já se compreende que o Espiritismo traz uma nova mensagem para o mundo moderno.

5.

De como os princípios cristãos modificam a estrutura do mundo

Os primeiros séculos do Cristianismo

– A levedura cristã e a massa ideológica do mundo antigo

– O advento do Consolador.

A primeira frase do livro *Ave, Cristo!*, de Emmanuel, diz assim: “Quase duzentos anos de Cristianismo começavam a modificar a paisagem do mundo”. Os relatos de Emmanuel, nesse livro, referem-se a acontecimentos verificados entre o fim do segundo e início do terceiro século da nossa era. O Cristianismo era ainda uma idéia nova, uma doutrina nascente, um movimento que se espalhava de maneira obscura e marginal entre as grandes correntes do pensamento greco-romano e os esplendores do império.

Prosseguindo, diz Emmanuel: “Se na organização terrestre a Humanidade se desdobrava em movimentação intensa, no trabalho da transformação ideológica, o serviço nos planos superiores atingia culminâncias”. Vemos, então, que havia um intenso trabalho conjugado, entre o plano espiritual e o terreno, para a transformação do mundo. Essa transformação teria de ser fundamentalmente ideológica, pois era preciso, antes de tudo, transformar a mente do homem, dar-lhe uma nova orientação, para que, depois, o meio social e cultural se transformassem.

Por mais dois séculos, ainda, o Cristianismo teria de continuar o seu trabalho subterrâneo, de que as catacumbas romanas são o símbolo mais perfeito, para que os seus princípios conseguissem minar a poderosa estrutura do império, abrindo perspectivas sobre uma nova era. Afinal, no início do século quarto, os princípios cristãos já haviam rompido de tal maneira essa estrutura, à semelhança das plantas que rompem os muros e as paredes de pedras, que as forças remanescentes do império resolveram adotá-los como ideologia oficial. É nesse momento que aparece a figura do imperador Constantino, iniciando-se com

ele a oficialização e, ao mesmo tempo, a deturpação do Cristianismo.

Como se explica essa deturpação ou deformação? Teria, então, o Cristianismo falhado em sua missão? Em vez de transformar o mundo, foi transformado por ele? Não. Mas acontece que a evolução, pelo fato mesmo de ser evolução, não se realiza de maneira direta e, sim, através de fases progressivas. Os princípios do Cristianismo penetraram na estrutura ideológica do mundo greco-romano-judaico como uma força nova – ou melhor, para nos servirmos de uma imagem do Evangelho –, como uma porção de fermento numa medida de farinha. Para levedar a farinha, o fermento teve de se misturar a ela. O que vemos, do quarto século em diante, é essa mistura. O Cristianismo permanece no mundo como um fermento que leveda a massa das heranças greco-romano-judaicas, modificando-as incessantemente.

Se nos lembrarmos da promessa do Consolador, no Evangelho de João, veremos que essa longa fase de fermentação ideológica fora prevista pelo próprio Cristo. E se lermos as explicações de Kardec, em *A Gênese*, sobre as razões do aparecimento do Espiritismo em meados do século passado, compreenderemos o vasto processo de evolução em que ainda nos encontramos, processo que vem de há dois mil anos e prosseguirá pelos séculos futuros. O Cristianismo continua rompendo as resistências da cultura antiga, sedimentadas duramente em nosso mundo, para construir na terra a verdadeira Civilização Cristã.

O primeiro século do Espiritismo está acabando de escoar. Dia 18 de abril, próximo, soará a sua badalada final. E se compararmos o nosso tempo com aquele a que Emmanuel se refere no início de *Ave, Cristo!*, verificaremos que há muita semelhança entre a posição do Cristianismo no mundo antigo e a do Espiritismo em nosso mundo. Quase um século de Espiritismo já produziu algumas modificações na paisagem do mundo. Mais um século, que se iniciará neste ano¹, e as modificações da paisagem serão mais intensas. Porque a mesma força que operava nos dois primeiros séculos da nossa era

continua operando atualmente, sob a égide do Cristo e a direção do Espírito da Verdade, na conversão total do nosso mundo aos verdadeiros princípios cristãos. O Espiritismo é, portanto, o Cristianismo em marcha, é o poder do fermento cristão a levedar a massa ideológica da humanidade terrena.

6.

Evocação do momento em que Jesus nasceu entre os homens

**Dificuldades históricas quanto ao local e à data do
nascimento – A festa de Mitra no calendário romano
– Uma realidade que transformou e transforma o mundo.**

O nascimento de Jesus tem dado motivo a muitas controvérsias. Ninguém, sabe, exatamente, em que dia ocorreu e, nem mesmo, em que localidade. Os evangelhos não fixam nenhuma data, limitando-se a dar indicações vagas à época do nascimento. Esse fato foi motivo de grandes críticas ao cristianismo, não faltando escritores, historiadores e mitólogos que procuraram explicar o nascimento e a vida de Jesus como puramente lendários. Chegou-se a afirmar que Jesus não era mais do que o mito solar e seus doze apóstolos, os doze signos do zodíaco. Isso levou um escritor francês a afirmar, como réplica, que Napoleão e seus doze generais nunca haviam existido, sendo apenas uma idealização mitológica.

O Espiritismo considera Jesus como um ser histórico, um homem que realmente existiu. Mas não aceita as lendas que se formaram ao redor da sua figura singular e da sua vida extraordinária. Sabemos, por exemplo, que a data de 25 de dezembro só foi fixada em princípios do quarto século, exatamente quando se iniciava a deturpação do Cristianismo, e que essa fixação se deu em Roma. Vários historiadores admitem que essa data tenha sido escolhida de acordo com o calendário romano, por nela cair a festa do deus solar Mitra. É o que se pode ver em *Jésus*, de Ch. Guignebert, professor de História do Cristianismo, na Sorbonne, páginas 111 e 112, da edição de 1947, de Albin Michel, Paris.

Houve, durante muito tempo, várias datas consideradas pelos cristãos como prováveis: São Clemente de Alexandria, por exemplo, entendia que Jesus havia nascido a 19 de abril. Outros optavam pelo 18 de abril, o 29 de maio e o 28 de março. No

oriente, diz Guignebert, o 6 de janeiro era geralmente aceito. Assim, a data de 25 de dezembro é apenas simbólica, não havendo acerto dessa escolha. Mas a verdade é que, firmada pela tradição, e apoiada num passado bastante longo de solenidades religiosas ao deus solar, essa data se mostra impregnada de intensas vibrações espirituais. Na terra, como no espaço, é nela que se comemora, há dezesseis séculos, o nascimento de Jesus, como foi nela que se comemorou, durante a antiguidade, o advento dos deuses simbólicos de várias mitologias.

Kardec, ao lançar *O Evangelho segundo o Espiritismo*, firmou o princípio de que os fatos históricos, e outras partes dos relatos evangélicos, estranhos ao seu conteúdo de ensinamentos morais, pouco importam para a doutrina. O que interessa ao Espiritismo não é a exatidão cronológica, mas a realidade da vida de Jesus e a legitimidade dos seus ensinamentos morais. Os espíritas, por isso mesmo, aceitam, sem relutância, a data de 25 de dezembro como marco tradicional do nascimento de Jesus, aproveitando-se para a evocação do momento em que o Senhor se encarnou entre os homens.

O que importa aos espíritas, no Natal, não é a celebração de um fato histórico cronologicamente assentado, mas a evocação de um acontecimento histórico da mais alta significação espiritual para a humanidade terrena. Se Jesus nasceu em Nazaré, como o indica Marcos, ou em Belém, como o dizem Mateus e Lucas, e se esse nascimento ocorreu em 6 de janeiro ou 25 de dezembro, isso pouco importa. O que importa é que ele tenha nascido, vivido e pregado entre os homens, mas, principalmente, que nos tenha deixado uma doutrina capaz de reformar o mundo, como realmente o reformou e continuará reformando.

A existência de Jesus está hoje suficientemente provada. Mesmo do ponto de vista histórico, apesar da falta de documentos a respeito, as pesquisas mais recentes demonstram que realmente viveu na Palestina e nela morreu o fundador do Cristianismo. Guignebert assinala a deturpação mitológica dessa figura humana, com o fim de torná-la extra-humana, divina, supranormal, “sacrificou Jesus ao Cristo”. E Henri Berr, no

prefácio que escreveu para o livro de Guignebert, declara: “Mas Jesus existiu; isso, podemos dizer que o sabemos; a tese da não historicidade é um paradoxo”. Não é de admirar que, dois mil anos depois do seu nascimento, seja difícil precisar-se a data em que isso se verificou. Mas é de espantar que, depois da revolução que a sua figura e a sua doutrina produziram e continuam a produzir no mundo, ainda existam pessoas que as ponham em dúvida.

7.

Desde o Gênesis, ao Apocalipse, os espíritos ensinam os homens

**Origem mediúcnica das religiões – Pesquisas
antropológicas de Andrew Lang e Freedom Long
– As comunicações espíritas na Bíblia.**

A conclusão de que as religiões nasceram da mediunidade não é apenas espírita. Depois de todas as conjecturas a respeito da origem das religiões, tomaram corpo, modernamente, as idéias materialistas de que elas teriam nascido do medo. Herbert Spencer, espírito mais sensível que Feuerbach, percebeu o que devia existir de errôneo nessa explicação simplista, e formulou a sua complexa teoria, em que vemos aparecerem os efeitos do sonho, dos reflexos do selvagem na água e da sombra acompanhando o corpo. Mas, como observa Ernesto Bozzano em *Popoli Primitivi e Manifestazioni Supranormali* (Edizioni Europa – Verona – 1946), Spencer não conhecia as manifestações metapsíquicas, e não pôde ir além. Coube a um famoso antropólogo, Andrew Lang, em seu magnífico trabalho, *The Making of Religion*, fazer o que Spencer não fizera.

As conclusões de Lang são decisivas. Baseando-se no método da análise comparada, o antropólogo estabelece paralelos entre os fenômenos mediúnicos dos povos primitivos, observados em tribos de várias partes do mundo, e as experiências metapsíquicas do seu tempo. Hoje, poderia levar o paralelo às experiências parapsicológicas, que confirmam e ampliam aquelas. Também o etnólogo Max Freedom Long, examinando os problemas das “mana” ou “orenda”, força misteriosa que impregna os objetos entre os selvagens, chega à conclusão, depois de anos de convivência com tribos da Polinésia e do Havaí, de que aquelas forças não são mais do que o ectoplasma das experiências metapsíquicas.

A contribuição desses dois grandes pesquisadores vem modificar as concepções clássicas da origem das religiões. Essa

contribuição confirma a tese espírita da origem mediúnica das religiões. Os selvagens não acreditavam na sobrevivência apenas por intuição, nem por medo ou por incapacidade de explicar os sonhos, mas por terem a experiência concreta dos fatos mediúnicos. Por outro lado, esses fatos vão produzir, nas primeiras civilizações, o aparecimento das religiões mitológicas e proféticas, baseadas sempre na comunicação mediúnica, quer seja a dos oráculos, a das pitonisas ou a dos profetas israelitas e cristãos, ou a dos sufis maometanos, entre os quais o nome de profeta é reservado a Maomé. Na Índia, na China e entre outros povos da Ásia, os intermediários dos espíritos recebem outras designações, mas estão sempre presentes na origem das religiões e no seu desenvolvimento.

O papel da mediunidade é fundamental em todas as religiões, e nos textos sagrados do Judaísmo e Cristianismo a sua importância é indisfarçável. O prof. Romeu do Amaral Camargo, ex-presbítero evangélico, declara em seu livro *De Cá e de Lá*, de maneira incisiva: “Desde o primeiro livro da Bíblia (o do Gênesis) até o último (o do Apocalipse ou da Revelação), só vemos o ensino ministrado por Espíritos. O próprio Moisés não ouviu diretamente a voz de Deus, mas a dos Espíritos. É o apóstolo Paulo quem o afirma: Vós, que recebestes a lei por ministério dos anjos (do latim: angelus, mensageiro, o que anuncia)”.

Demonstra ainda o prof. Camargo: “Anjos são espíritos, afirma o Apóstolo. (Hebreus, 1:7)”. E prossegue: “Moisés ouviu e viu o anjo ou espírito que lhe falava na sarça que ardia no Monte Sinai”. Lembra, depois, estes fatos bíblicos: o espírito da mãe de Samuel aparece ao filho e o orienta (Provérbios, 31: 1 a 9); um espírito aparece a Manué e sua mulher, falando-lhes (Juízes, 13); espíritos aparecem a diversas pessoas (Mateus, 27:53); o espírito de um macedônio comunica-se com Paulo (Atos, 16:9); um espírito fala a Aarão e Maria, prometendo manifestar-se a um médium vidente ou profeta, ou por meio de sonhos (Números, 12:6).

Vemos, assim, que os próprios textos sagrados do Cristianismo confirmam a tese da origem mediúnica das

religiões. Mas, podemos ir além, demonstrando que os textos sagrados de todas as grandes religiões, bem como a história, a tradição, o folclore e a literatura de todos os povos comprovam essa grande verdade. Os que pretendem, pois, atacar a mediunidade, os fatos mediúnicos e as práticas espíritas, em nome das religiões, nada mais fazem do que minar o próprio alicerce de suas crenças e convicções.

8. **Estudo objetivo dos problemas e das leis da vida espiritual**

Penetração científica nos domínios da superstição

- **Esclarecimento dos antigos mistérios**
- **As leis da matéria e as leis do espírito.**

Os preconceitos culturais, resultantes da revolução científica moderna, representam grande obstáculo à aceitação dos princípios espíritas, por parte de certas pessoas, principalmente se desempenham funções intelectuais de relevo. Prevalece, ainda, em nossa cultura intelectual, a prevenção contra as heranças supersticiosas do passado. E a existência de “almas do outro mundo”, de espíritos e entidades espirituais, bem como de sua influência na vida humana, é encarada com as maiores suspeitas e desconfianças.

É pena que essa atitude de prevenção afaste muitas inteligências capazes de um estudo sério do assunto. Entretanto, bastaria a leitura de um livro como *A Gênese*, de Allan Kardec, para que essas pessoas verificassem a atitude positiva do Espiritismo, em face do problema da sobrevivência e das relações entre os homens e as entidades espirituais. Longe de querer manter ou renovar antigas superstições, o que o Espiritismo pretende é esclarecer, à luz de experiências objetivas, os problemas que sobraram do passado, insolúveis para a ciência atual, livrando-se exatamente de interpretações supersticiosas ou imaginosas.

Kardec esclarece, no livro referido, que a função do Espiritismo, no tocante aos problemas espirituais, é a mesma das ciências naturais, no tocante aos processos da natureza. O Espiritismo estuda aqueles problemas dentro das possibilidades do conhecimento racional, retirando-os do véu de mistérios que os envolvia no passado. Para tanto, não vacila em servir-se do método experimental, no exame dos fenômenos psíquicos ou psico-fisiológicos.

Há pessoas que dizem: “Os fenômenos hoje inexplicáveis serão explicados, amanhã, pela ciência”. Mas é exatamente para conseguir essa explicação que Kardec aconselha o estudo do Espiritismo, afirmando de maneira incisiva e absolutamente lógica: “Da mesma maneira por que a ciência propriamente dita tem como objeto o estudo das leis do princípio material, o objetivo especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual”. E noutro trecho: “O Espiritismo e a Ciência se completam, um pelo outro”. Referindo-se ao encadeamento natural das ciências, que “nascem umas das outras”, Kardec lembra que a ciência do espírito teria de surgir por último, lançando suas luzes sobre os derradeiros baluartes da superstição e da imaginação.

Como se depreende das considerações acima, o Universo se apresenta em forma dualista, na concepção espírita, constituído por dois elementos diversos, embora entrosados no processo da manifestação, no plano do fenômeno: o espírito e a matéria. Muitas objeções são levantadas também a essa concepção que parece de origem cartesiana, trazendo consigo todas as dificuldades filosóficas da origem. Kardec, entretanto, não ignorou essas dificuldades, e perguntava aos seus opositores se podemos contrariar cientificamente a evidência dos fatos com argumentos.

É nesse ponto, como acentuou incessantemente o prof. Ernesto Bozzano, em suas magníficas monografias, que o Espiritismo representa um desafio científico a todos aqueles que se vangloriam de espírito científico. De duas, uma: ou exercemos o espírito científico de maneira coerente ou, simplesmente, o negamos. Ora, o Espiritismo, quando trata da existência de espíritos e da possibilidade de sua comunicação com os homens, não apresenta apenas teorias, mas sobretudo fatos, e o que é mais importante, fatos largamente observados e analisados. Querer confundir esses fatos, em grande número estudados através de experiências provocadas com simples resquícios de superstições, é fugir à evidência, para cair no terreno anticientífico do dogmatismo.

9. Jardineiro do amor

O verdadeiro espírita, conhecedor dos princípios sublimes da sua doutrina, é um jardineiro do amor, segundo o poema imortal de Tagore. Dia a dia, ele trabalha os canteiros do seu coração, da sua sensibilidade e da sua inteligência, removendo a terra, extraindo as ervas daninhas e semeando a boa semente das flores evangélicas.

Não basta acreditar na sobrevivência e participar de sessões ou ouvir palestras. Kardec assinalou que se conhece o verdadeiro espírita pela sua transformação moral. E essa transformação não se verifica sem o trabalho incessante do homem na modelação de si mesmo. Os Espíritos do Senhor podem auxiliar-nos, mas o trabalho de nossa transformação é principalmente nosso, e deve ser realizado por nós mesmos.

Algumas religiões nos condenam por essa teoria do esforço próprio, alegando a existência da graça. mas Kardec definiu a graça como a força que Deus concede ao homem de boa-vontade, para que vença as suas imperfeições. Sabemos que existe a graça. Mas sabemos, também, que devemos nos colocar em condições de merecê-la, e que isso depende de nós mesmos. Trabalhem, pois, diariamente, o nosso jardim interno, para sermos espíritas.

10. O homem novo

A principal finalidade do Espiritismo é criar, na terra, um homem novo. Esse homem novo será muito diferente do que conhecemos na civilização atual. Seu interesse maior não será o dinheiro, a conquista de riquezas e poder, mas o aprimoramento espiritual. Em vez de mandar, ele quererá obedecer. Sua grande virtude estará na obediência às leis supremas da vida, que lhe permitirá estabelecer, na terra, a concórdia geral.

O homem de hoje é essencialmente ambicioso. Todas as suas lutas só têm um objetivo: o seu enriquecimento e aumento de poder. O homem de amanhã, criado nos princípios renovadores do Espiritismo, será essencialmente fraterno. Todas as suas ações objetivarão o amor entre as criaturas, na grande fraternidade universal do Reino de Deus.

Quando o Cristianismo surgiu na terra, sua finalidade também era essa. E o Cristianismo, como o fermento da parábola evangélica, trabalhou o mundo durante dois mil anos, levedando a pesada farinha humana. Agora, a farinha se apresenta em condições de receber os últimos impulsos, para a transformação final do homem. E o Espiritismo é esse impulso, que nos chega do Alto, no cumprimento da promessa evangélica do Consolador.

11. Conquistando a fé

A fé espírita é uma conquista racional. Porque o espírita não pode crer pela crença, mas deve crer pela compreensão. Dennis Bradley termina o seu famoso livro *Rumo às Estrelas* com estas palavras: “Eu não creio, eu sei”. É essa a verdadeira fé espírita, a fé racional de que falava Kardec. O espírita tem de conhecer aquilo em que crê, e saber por que crê.

Essa posição especial dos espíritas causa estranheza entre pessoas que consideram a fé como um dom que vem do céu, independente da vontade humana. Entretanto, também para o Espiritismo a fé tem origem divina. A diferença é que, em vez de nos ser dada como um privilégio, deve ser buscada, atingida, conquistada por nós mesmos, através da compreensão espiritual da vida. A fé sem compreensão é cega, e pode ser destruída facilmente; mas a fé espírita, alicerçada na razão, enfrenta os vendavais do mundo.

12. Ajuda espírita

Os espíritos nos ajudam constantemente. Os maus nos ajudam na manutenção dos nossos vícios, ou na criação de outros, nos pensamentos negativos e na maledicência. Os bons nos ajudam no aprimoramento de nossas virtudes ou na aquisição de outras, nos pensamentos positivos e na compreensão e tolerância para com o próximo. Todos, bons e maus, somos sempre ajudados pelos espíritos, que estão constantemente ao nosso redor.

Dessa maneira, cada qual pode escolher livremente os seus auxiliares. Os que se comprazem na rotina do erro e da maldade terão os ajudantes que mais lhes convêm. Os que procuram corrigir-se, melhorar-se, fazendo da vida um aprendizado moral, terão os ajudantes de que necessitam. Entretanto, convém não esquecer que, para deixar velhas companhias e adquirir novas, será sempre necessário enfrentar a reação daquelas que não nos abandonam com facilidade.

13.

É necessário remontar às origens para esclarecimento doutrinário

Estudos, na Inglaterra, sobre “as reivindicações do Espiritismo” no tocante aos Evangelhos - Do profetismo judeu e cristão ao mediunismo da atualidade.

Há alguns anos, a igreja oficial da Inglaterra nomeou uma comissão de ministros para estudar “as reivindicações do Espiritismo em relação aos Evangelhos”. Essa comissão, depois de vários estudos e diversas pesquisas de caráter mediúnico, elaborou um relatório que mais tarde foi divulgado. Nem todos os seus membros concordaram com a conclusão do inquérito, que foi em grande parte favorável aos espíritas.

Não é de admirar que isso tenha acontecido na Inglaterra, onde a tradição espírita é das mais belas, pois a história nos fala do trabalho dos médiuns em toda parte, desde os campos aos centros universitários e, até mesmo, no palácio real. Por outro lado, como sabemos, a Inglaterra foi um dos primeiros países do mundo a reconhecer, por lei votada no Parlamento, os direitos de cidadania da religião espírita.

Mas, tratemos das “reivindicações” do Espiritismo. Que espécie de “reivindicações” são essas? Todos os que acompanham esta seção não terão dificuldades em responder². O Espiritismo reivindica para si, desde os seus primórdios, a posição de legítimo herdeiro e continuador do Cristianismo primitivo, de realizador da promessa do Cristo constante do Evangelho de João, sobre a vinda do Consolador ou Espírito da Verdade. O guia espiritual de Kardec, interpelado sobre o seu nome, respondeu-lhe: “Para ti, me chamarei Verdade”. E, com esse nome, que evocava a promessa evangélica, ele presidiu ao advento do Espiritismo. Kardec insistiu, sempre, nessa posição da doutrina. A princípio, evitou falar em religião, para não confundir a religião-espiritual com as formas materiais, geralmente consideradas como tal. Mais tarde, porém, não teve

dúvidas em esclarecer o problema e, quando começou *O Evangelho segundo o Espiritismo*, os Espíritos que o orientavam saudaram a nova obra com intensa alegria, advertindo que, com ela, “os andaimes começavam a ser retirados”, para que as verdadeiras linhas dos edifícios pudessem aparecer. Nesse mesmo livro, encontramos numerosas passagens que esclarecem o verdadeiro sentido da doutrina, a começar pela admirável comunicação do Espírito da Verdade, colocada como prefácio.

Para bem compreendermos, porém, as razões do Espiritismo, precisamos conhecer a história do Cristianismo, e não devemos nos restringir apenas à leitura das obras espíritas. A verdade nada tem a temer, transparece, sempre, em toda a parte, e os espíritas não devem alimentar atitudes sectárias, que contrariam o próprio espírito da doutrina. As igrejas protestantes, sobretudo, dadas também às suas “reivindicações”, no sentido de restabelecer a verdade cristã, muito têm contribuído para o esclarecimento dos primeiros tempos do Cristianismo. Um livro popular, de fácil leitura, editado em português pela Casa Editora Presbiteriana, é o do rev. Robert Hastings Nichols, intitulado *História da Igreja Cristã*. A leitura desse livro, em confronto com o Livro de Atos dos Apóstolos e as Epístolas, sobretudo a I Coríntios, de Paulo, será de grande proveito para os que desejarem ter uma visão perfeita do “restabelecimento cristão”, a que os espíritos tanto se referem.

Nesse livro, o rev. Hastings alude aos profetas e à sua intensiva participação na divulgação do Cristianismo. O que eram os profetas, a epístola de Paulo, acima citada, esclarece muito bem. Basta lermos com atenção o capítulo 12 dessa epístola (I Coríntios), sobre os dons espirituais. Os profetas daquele tempo nada mais eram que os médiuns de hoje, pessoas aptas a “receber o espírito”, semelhantes àqueles jovens, Eldad e Medad, do Livro de Números, que “receberam o espírito” no campo, com a aprovação de Moisés. O restabelecimento do Cristianismo é a volta ao espírito, o abandono das exterioridades, o regresso à prática do profetismo, “a adoração de Deus em espírito e verdade”, como Jesus ensinou à mulher samaritana.

Nesse sentido, e para esse fim, é que o Espiritismo vem operando no mundo.

14.

Como o espírito vence a matéria e a religião triunfa sobre o culto

**Fases sucessivas da evolução religiosa – O Cristianismo
como primeira fase da libertação espiritual do homem
– A promessa do Consolador e a sua realização.**

Neste ano de comemorações do I Centenário do Espiritismo³, está havendo um recrudescimento intenso das campanhas antidoutrinárias. Muitos espíritas se aborrecem com isso, entendendo que as organizações dirigentes do Espiritismo, no país, deviam reagir “à altura”, atacando com as mesmas armas os que nos atacam. Essa idéia, entretanto, não é espírita, não se alimenta na fonte pura dos nossos princípios doutrinários. Pelo contrário, é uma idéia que acusa a falta de amadurecimento dos princípios espíritas em muitos dos nossos confrades.

Nada foi mais combatido no mundo do que o Cristianismo. As mesmas acusações que hoje são feitas contra o Espiritismo também o foram contra o Cristianismo. E, como se não bastasse a campanha insidiosa, de acusações absurdas, o Cristianismo sofreu também a pressão da arbitrariedade, da violência e da crueldade, por parte do poder romano, que então dominava o mundo. No entanto, foi pela fé, pela humildade, pelo perdão, pela serenidade e pela confiança inabalável no Alto, que os cristãos conseguiram vencer e transformar o mundo.

Bem sabemos que essa transformação do mundo não foi tão completa como o desejavam os cristãos dos primeiros tempos, aqueles que realmente seguiam os ensinamentos de Jesus. Mas, também, sabemos que tudo teria de se passar como a história registra, pois não se pode modificar o homem do dia para a noite, nem mesmo de um século para o outro. O trabalho da evolução espiritual é mais lento e difícil que o da evolução material. E quem não sabe que a evolução material demanda muito tempo para se fazer? Jesus, que sabia melhor do que ninguém as dificuldades que a sua doutrina encontraria na terra, previu as

suas futuras deturpações, mas anunciou o Consolador, o Espírito da Verdade, que viria restabelecê-la.

Todos os que estudam o Espiritismo sabem que estamos vivendo exatamente a era do Consolador. A incompreensão humana continua a se opor à força regeneradora do Espírito da Verdade. Cem anos após o seu advento, quando o Espiritismo começa a entrar numa fase nova de esclarecimento do mundo, a oposição aos seus ensinamentos se torna mais forte e mais teimosa. Os próprios livros doutrinários são esmiuçados, como o eram os textos evangélicos nos tempos do Cristianismo primitivo e, assim como frases de Jesus eram citadas pelos sacerdotes pagãos e judeus, com distorção evidente do seu sentido, ou em aplicações de má fé, também frases e trechos da codificação espírita são hoje utilizados na distorção sistemática da verdade espírita.

Mas não há, no mundo, nenhuma força superior à verdade. E, assim como a verdade cristã acabou vencendo todas as distorções que dela fizeram, a verdade espírita, que é o restabelecimento daquela, também acabará triunfando de tudo o que dizem e fazem contra ela. Basta, para isso, que sustentemos com firmeza os nossos princípios, que continuemos a divulgá-los, que mantenhamos acesa a tocha esclarecedora da doutrina, como o souberam fazer os pioneiros da nossa fé, na época do domínio romano. César passou, com toda a arrogância do seu império, e a humildade cristã permaneceu na terra. O mesmo acontecerá com os princípios espíritas, destinados a sobreviver, para iluminação do mundo. Não nos esqueçamos da lei fundamental, que é a evolução. Tudo o que existe está submetido à ação soberana dessa lei de Deus, que tanto se manifesta no reino mineral, quanto no vegetal, no animal e no humano. Assim, a religião, também, em suas múltiplas expressões, segue inevitavelmente o impulso poderoso da lei de evolução. Todas as formas de religião podem ser classificadas num grande esquema da evolução religiosa do planeta. E vemos então que, dos cultos primitivos, elas vão passando a cultos mais elevados e complexos, a que se misturam concepções filosóficas diversas. A função do espírito, porém, é vencer a matéria, dominá-la e

superá-la. Chega, pois, um momento, em que a religião, no seu verdadeiro sentido, domina e supera o aparelhamento exterior de culto, para se libertar em espírito e verdade. Esse movimento foi assinalado na Terra pelo aparecimento do Cristianismo, religião interior, que superou os formalismos do culto pagão e do culto judaico, e vem sendo agora confirmado pelo Espírito da Verdade, através do Espiritismo.

Conhecendo, como conhecemos, a lei da evolução, e sabendo como ela opera no mundo, infatigável e paciente, não devemos nos irritar com as mesmas campanhas promovidas contra o Espiritismo. É natural que haja reação à propagação da verdade, num mundo inferior como o nosso. Mas, se confiamos na verdade, nosso dever não é descer ao plano de lutas em que se colocam os adversários e, sim, manter cada vez mais acesa a chama da fé em nossos corações, à espera do dia glorioso da vitória. Nada deterá o Espiritismo, como nada deteve o Cristianismo. Aproveitemos os momentos de luta para orar pelos adversários da doutrina, espalhando cada vez mais ao nosso redor os princípios renovadores e puros do Cristianismo Redivivo.

15.

**”Tenho ainda muito que vos dizer,
mas não o podeis suportar agora.”**

**No tempo de Jesus, os homens não estavam à altura
de compreender a verdade espiritual – O Mestre
prometeu e, no momento oportuno, enviou ao mundo
o Consolador – Como a história se repete.**

“Jesus Cristo disse: Enviarei o Consolador. E ele já veio, mas o mundo ainda não o sabe!” Estas palavras foram proferidas por um dos mais notáveis escritores contemporâneos, sir Arthur Conan Doyle, na sessão de abertura do Congresso Espírita Internacional, realizado em Londres, de 7 a 12 de setembro de 1928.

O que é esse Consolador, prometido por Jesus? É aquele Espírito de esclarecimento e de justiça, que viria lembrar o que Jesus ensinara, completar o seu ensino e guiar o homem “a toda a verdade”. E quem disse essas coisas a seu respeito, senão o próprio Mestre, como vemos em João, 14 e 16? Há quem afirme que Jesus ensinou tudo e nada deixou para outros ensinarem. Mas, quem pode ter autoridade para desmentir o Mestre, uma vez que foi ele mesmo quem afirmou: “Tenho ainda muito que vos dizer, mas não o podeis suportar agora; quando vier, porém, aquele Espírito de Verdade, ele vos guiará a toda a verdade”. (João, 16:12-13).

Quem disse, pois, que não havia completado o seu ensino, foi o próprio Senhor. E fez mais, prometendo o Espírito de Verdade, para o completar. Os teólogos explicam, por várias maneiras, esta passagem, ajustando-as a seus diversos sistemas. Mas Kardec acentua, no capítulo sexto de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, com simplicidade e clareza: “Se o Espírito de Verdade deve vir mais tarde, para ensinar todas as coisas, é que nem tudo foi dito por Jesus Cristo; e se vem recordar o que Ele disse, é porque isso foi esquecido ou mal compreendido”.

Em João 16:12, a razão da vinda do Espírito da Verdade está bem esclarecida. Jesus afirma que os homens do sem tempo ainda não podiam suportar a verdade em sua plenitude. Isso é tão claro como a luz meridiana. E a história nos mostra que assim era, de fato, pois os homens acabaram misturando os ensinamentos de Jesus com religiões e filosofias pagãs, para construir sistemas de cultos e de teologia que não foram ensinados pelo Mestre. A Reforma Protestante foi um grande esforço para libertar o Cristianismo dos enxertos pagãos. E foi também o primeiro sinal do Espírito de Verdade, que viria logo mais, fora das igrejas e das organizações sacerdotais, exatamente como acontecera na vinda de Jesus, para lembrar aos homens a essência dos ensinamentos do Mestre e dar-lhes a explicação exata do processo da vida.

Compreende-se, assim, a expressão de Conan Doyle. O grande escritor lamentava a incompreensão da maioria dos homens, que repetem em nossos dias a mesma atitude dos judeus no tempo de Jesus. O Espírito da Verdade veio ao mundo na hora precisa. E é ainda Kardec quem melhor o esclarece, no seu livro *A gênese*. Porque foi necessário que os homens trabalhassem durante quase dois milênios, aprimorando seus conhecimentos e elevando o seu mental, para se tornarem capazes de o compreender. Quem ensina, pois, através do Espiritismo, não é Kardec, nem são os kardecistas, mas o Espírito de Verdade, entidade angélica, superior, enviada do Cristo, seguida por uma grande falange de Espíritos do Senhor. A promessa de cumpriu, e felizes os que têm olhos para ver a sua realização na terra!

O mais curioso, porém, em tudo isso, é que as acusações formuladas a Jesus, aos seus discípulos e à sua doutrina, por judeus, gregos e romanos, são repetidas hoje, por cristãos e não-cristãos, ao Espírito de Verdade e seus servidores. O Espiritismo é acusado, inclusive, de não possuir um sistema ético, quando esse sistema é o do próprio Cristo. A moral espírita não é outra senão a moral evangélica, como qualquer pessoa desapassionada pode ver, na simples leitura de *O Livro dos Espíritos* e de *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Os espíritas são acusados de bruxos, de feiticeiros, como os cristãos primitivos o foram. E nega-se a filosofia espírita, da mesma maneira por que os

estóicos, os epicuristas e os céticos negavam a filosofia cristã, e os sacerdotes judeus e pagãos negavam valor filosófico a Jesus e aos seus seguidores.

Graças a Deus, os espíritas estão aprendendo a sua doutrina, penetrando mais a fundo na essência poderosa do Evangelho de Jesus, que os ajuda a se transformarem, e assim já não aceitam esses desafios antifraternos. Preferem manter-se firmes em seus princípios, confiantes na força da verdade, e responder às agressões com esclarecimentos. Não consideramos as interpretações evangélicas dos outros, as formas religiosas alheias, como simples formas de divertimento. Aprendemos, no Evangelho, a respeitar os sentimentos e as convicções dos demais. Aquele que nos ensinou o amor como base da vida espiritual, e nos mandou amar até os inimigos, não aprovaria, certamente, nossas agressões sectárias a irmãos de outras crenças.

Esta seção não tem finalidade polêmica. É uma porta aberta ao público leitor, para conhecimentos da doutrina espírita, como as seções católicas e protestantes o são, com referência às respectivas doutrinas. Mas, quando irmãos de outras crenças vêm bater, ansiosos e aflitos, à nossa porta, não podemos recusar-lhes a hospitalidade. Que Jesus nos ampare, a fim de não nos desviarmos, nunca, do nosso objetivo, que é revelar, a todos os que se interessam pela verdade, aquilo que o Espírito de Verdade nos Ensinou, através da doutrina consoladora do Espiritismo.

16.

O criminoso é nosso próximo, como o melhor entre os homens

**Aspectos anticristãos do problema da pena de morte
– Uma lição do pastor Stanley Jones – Elisabeth de França
e sua comunicação sobre o problema dos criminosos.**

As discussões sobre a pena de morte revelam a falta de compreensão cristã dos problemas humanos em nosso tempo. E essa falta é tanto mais alarmante quando vemos representantes de igrejas cristãs e de correntes espiritualistas defenderem e postularem, de público, a instituição da pena capital em nosso país. Por mais que se alegue a defesa da sociedade, da ordem, da segurança das famílias, a verdade é que o Cristianismo, quer pelo ensino, ou pelo exemplo do Cristo, não autoriza a adoção dessa medida brutal e violenta. E, caso a autorizasse, estaria em contradição consigo mesmo.

O Espiritismo, na sua feição de restabelecimento da pureza inicial dos princípios cristãos, não admite a pena de morte. Por essa atitude clara, definida, além de se manter coerente com a essência dos ensinamentos de Jesus, mantém-se, também, fiel a si mesmo no plano filosófico. Porque a verdade é a seguinte: quer se encare o Espiritismo no seu aspecto religioso, ou no seu aspecto filosófico ou, ainda, no científico, a doutrina se apresenta coerente, una, homogênea, baseada sempre nos sólidos alicerces dos princípios cristãos.

Admitir a pena de morte é negar a capacidade de recuperação e regeneração da criatura humana. Negar essa capacidade é admitir a falência da ação de Deus no mundo, é admitir a contradição e o absurdo no processo da vida. Para o espírita seria, ainda, negar a eficiência da lei de evolução. Entretanto, a história do mundo nos mostra que os erros humanos são corrigíveis e que os maiores criminosos são suscetíveis de regeneração. Aqui mesmo, em nosso país, não temos o exemplo

de grandes cangaceiros que se transformaram em homens de bem?

Alguns espíritas, levados pelo horror de certos crimes, e sobretudo influenciados pela falsa argumentação dos defensores da pena de morte, chegam às vezes a admiti-lo. Se pensassem, porém, nos princípios fundamentais da doutrina, jamais a admitiriam. Se aceitamos que os espíritos foram criados por Deus para a perfeição, e que esta se realiza através das vicissitudes e experiências da alma, como podemos aceitar a idéia de interromper a vida de uma criatura, em nome dos interesses da sociedade? E o que é a sociedade, senão o meio formado por essas próprias experiências, o meio em que essas experiências se desenvolvem, propiciando a uns o esclarecimento e mantendo outros nas trevas da ignorância e da crueldade?

Um grande pastor protestante, Stanley Jones, ensina que devemos ver em cada criatura humana um ser pelo qual o Cristo deu a vida. Essa é uma lição realmente cristã. Se meditarmos nela, veremos o absurdo dos que pretendem tirar a vida a um criminoso, pelo qual o Cristo morreu. Mas, na pena de morte não há somente o absurdo da violência social contra o criminoso, filho e produto da própria sociedade. Há também o absurdo da oficialização do homicídio, que passa a ser uma instituição, produzindo no país uma nova e horripilante classe social: a dos funcionários do crime. Esses funcionários, como acentuou Victor Hugo, seriam os assassinos oficiais, punindo friamente, com a morte burocrática, os infelizes que, no desespero de suas paixões ou no desequilíbrio profundo de sua crueldade mórbida, praticarem crimes.

Kardec incluiu, em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XI, uma comunicação mediúnica de Elizabeth de França, que termina com estas belas palavras, ao tratar do criminoso: “O arrependimento pode comover seu coração, se pedirdes com fé. É vosso próximo, como o melhor entre os homens. Sua alma, transviada e rebelde, foi criada, como a vossa, para se aperfeiçoar. Ajudai-o, pois, a sair do lodaçal, e rogai por ele”. Como vemos, a lei do amor transparece em cada uma destas

palavras, acordando-nos para o verdadeiro sentido das responsabilidades sociais em face dos criminosos.

17.

Acusação que matou Sócrates e preparou a cruz para o Cristo

**O perigo dos estereótipos mentais – Discípulos que sustentam teses contraditadas pelos mestres
– O flagrante desmentido dos fatos.**

A facilidade com que certas pessoas tratam do Espiritismo, acusando-o de vários males, sem conhecerem a doutrina, é simplesmente de estarrecer. Ainda há pouco, numa reunião de comissão da edilidade paulistana, houve quem declarasse que o Espiritismo “tem causado muitos males sociais”. Felizmente, a acusação infundada não encontrou eco. O ambiente já não era favorável, como tempos atrás, a afirmação dessa espécie, que pareceu temerária aos demais membros do organismo.

Quais são os males sociais causados pelo Espiritismo? As obras de assistência à pobreza, de socorro aos desvalidos, de alfabetização gratuita, realizada por milhares de Centros Espíritas, em todo o país e em todo o mundo? A abertura de hospitais, de albergues, de creches, de orfanatos, que suprem, por toda a parte, as deficiências do poder público? A difusão dos princípios evangélicos, no seio do povo? A conversão ao espiritualismo e à crença em Deus, de milhares de pessoas que não aceitavam o ensino formal das religiões? Serão esses os males sociais do Espiritismo?

Sabemos que não. A pessoa que formulou a temerária acusação à doutrina não pensou nessas coisas, nem teve tempo, ainda, de tomar conhecimento da extensão e do valor da obra social dos espíritas. Por outro lado, a acusação não foi feita com segundas intenções ou com maldade. Ela derivou, naturalmente, de um falso conceito de Espiritismo, ou melhor, de um preconceito muito comum entre nós, mesmo entre pessoas que já deviam ter superado a fase dos estereótipos mentais. É que dizem e, dizem, há muito tempo, sem fundamento algum – mas

dizem –, que o Espiritismo é um mal social e, de tanto ouvir dizer, algumas pessoas se convencem disso.

A maior e mais insistente acusação que se faz ao Espiritismo, nesse terreno, é a de causar loucuras e desequilíbrios nervosos. Certos psiquiatras brasileiros concorreram, e concorrem, para a divulgação dessa inverdade, sustentando teses absurdas a respeito, e esquecidos dos pronunciamentos contrários e insuspeitos de seus próprios mestres estrangeiros. Mas os fatos aí estão, aos olhos de todos, para desmentirem essas teses. O Espiritismo conquista centenas de novos adeptos, dia a dia, por todo o país e, longe de aumentar as psicoses e as neuroses, vem concorrendo poderosamente para diminuí-las. Quem se der ao trabalho de uma rápida investigação, entre os seus amigos e conhecidos, verá quantas pessoas encontraram o equilíbrio, a paz, o consolo e a segurança no Espiritismo. Ao mesmo tempo, à acusação de que eram fazedores de loucos, os espíritas responderam curando loucos – milhares de loucos desenganados pelas clínicas psiquiátricas. Basta uma visita aos hospitais espíritas, que hoje constituem a maior rede de clínicas psiquiátricas em nosso Estado, para se ver que o Espiritismo oferece uma solução nova para o problema da loucura e das neuroses.

Além dessa acusação absurda ao Espiritismo, há quem vá mais longe, afirmando que a doutrina “perverte os costumes e o senso moral”. Foi esta mesma acusação que levou Sócrates à cicuta e preparou para Jesus o caminho do Calvário. As pessoas que repetem essas palavras merecem como resposta tão-somente a prece de Jesus pelos seus acusadores, no alto da cruz: “Perdoai-lhes, Pai, que eles não sabem o que fazem”. Realmente, não sabem – nem o que dizem, nem o que fazem –, ao dizer tais coisas. Porque o Espiritismo é uma doutrina cristã, baseada no Evangelho de Jesus, na crença em Deus e na sobrevivência da alma. Uma doutrina que prega, como ensinava Kardec, a moral de Jesus, a fraternidade pura entre os homens, o amor e a caridade incessante. Como se vê, dizer que o Espiritismo tem causado muitos males sociais é ignorar por completo a grande

obra social dos espíritas e, sobretudo, desconhecer os princípios eminentemente morais que inspiram essa obra.

18.

Assistência dos espíritos nas dificuldades da vida

**Confusões entre o meio e o fim acarretam decepções
doutrinárias – O que importa no Espiritismo
é o Reino de Deus e a sua Justiça.**

Um dos fatores mais frequentes de decepções, na prática espírita, é o utilitarismo dos praticantes. Há pessoas que só compreendem as coisas do ponto de vista da utilidade imediata. Essas pessoas não se dirigem ao Espiritismo na procura de uma visão mais ampla da vida, de melhor compreensão, de maior equilíbrio psíquico. Desejam, pelo contrário, obter benefícios imediatos: cura, solução de problemas financeiros ou amorosos, arranjo da vida. Pretendem fazer do Espiritismo um meio de conquista de vantagens pessoais. Os resultados dessa atitude só podem ser negativos.

Não é missão do Espiritismo “arranjar a vida” de quem quer que seja. Os Espíritos superiores não estão a serviço dos pequeninos e passageiros interesses humanos. Dessa maneira, a pessoa que deseja benefícios acaba perdendo a assistência dos Espíritos superiores e sofrendo o assédio dos inferiores. Estes, sim, estão sempre prontos a atender a todos os pedidos, mesmo os mais injustos. E, se às vezes fazem alguns benefícios imediatos, não raro cobram muito caro o que fizeram, causando, mais tarde, amargas decepções.

O que se deve buscar no Espiritismo é a elevada compreensão do processo da vida, que ele oferece a todos os estudiosos. Buscando essa compreensão, colocamo-nos em sintonia espiritual com os Mensageiros do Alto, que por sua própria benevolência nos atendem e nos socorrem em tudo o que é possível. Cumpre-se aquele ensinamento de Jesus, que todos os cristãos estudiosos conhecem: “Busca primeiramente o Reino de Deus e a sua Justiça, e tudo o mais te será dado por acréscimo”.

Os interesses, as paixões e as angústias humanas servem, muitas vezes, como meios de condução da criatura ao Espiritismo. Mas, não podem transformar-se em finalidade da prática espírita. É justo que a mão angustiada procure um Centro, um médium ou um doutrinador espírita, para solucionar o problema do filho enfermo. É justo que o homem de negócios, aturdido pelos insucessos, busque uma orientação no meio espírita, como é justo que a criatura atormentada por questões amorosas procure uma palavra de consolo na comunicação mediúnica. Mas, uma vez socorridas pelos Espíritos do Senhor, essas criaturas devem beneficiar-se com as luzes da doutrina, em vez de permanecerem na estagnação dos sentimentos comuns.

Não é somente no Espiritismo que isso acontece. Nas várias religiões, os sacerdotes enfrentam o mesmo problema, com os crentes interessados em transformar as práticas do culto em instrumentos de benefícios pessoais. Nas correntes ideológicas, nos partidos políticos, nos movimentos sociais, há sempre os que procuram apenas a satisfação de seus próprios interesses. Erram, pois, os que pensam que somente no Espiritismo somos assediados por essas questões, que não são privilégio de nenhum movimento, mas decorrem da própria natureza humana, em seu atual estado evolutivo.

O Espiritismo ensina que a vida tem um objetivo e, esse objetivo é o aperfeiçoamento espiritual. O que importa, pois, do ponto de vista espírita, como ensinava Jesus, é o Reino e sua Justiça, e não o bem-estar imediato, a felicidade passageira e ilusória. Pessoas que se aproximam do Espiritismo, tangidas por necessidades e interesses, mas não lhe absorvem os ensinamentos superiores, são as que acabam por decepcionar-se com a doutrina. Elas mesmas causam as suas decepções. De outro lado, como são felizes as que se servem da oportunidade de uma angústia ou de uma dificuldade, para assimilarem a mensagem renovadora do Espiritismo! Essas são as que não se aproximam da luz de olhos fechados, e nunca se decepcionarão. Para elas, o Espiritismo se transforma naquilo que os místicos chamam, e com muita razão – a luz no caminho.

19.

Seqüência lógica e natural das três revelações cristãs

- Cada revelação trouxe a profecia da seguinte**
- **Sentido universal e permanente da III Revelação**
 - **A evolução terrena e o exercício da mediunidade.**

O Espiritismo é o prosseguimento natural do Cristianismo. Como diz Emmanuel: “É a Renascença Cristã do Mundo”. Graças a essa doutrina de luz e de amor, os princípios cristãos vão sendo restabelecidos em sua pureza primitiva. Foi necessário, para esse restabelecimento, o concurso do Céu, como o Cristo já havia previsto e, segundo podemos ver, nas passagens referentes ao Consolador, no Evangelho de João. As vozes do céu tiveram de conclamar os homens, na terra, para a volta à realidade evangélica.

Pouco importa que os adversários da doutrina digam o contrário, que acusem o Espiritismo de anticristão e chamem os espíritas de embusteiros. Convém lembrar que os sacerdotes das religiões pagãs, e os próprios sacerdotes do judaísmo, fizeram a mesma coisa com o Cristianismo. Nem o Cristo respeitaram. Acusavam Jesus de embusteiro, de feiticeiro, de endemoniado e chamavam os cristãos de hereges e mistificadores. Se Jesus expelia os demônios, libertando pobres criaturas das garras de seus terríveis obsessores, diziam que o divino Mestre o fazia porque “tinha parte com o Diabo”. A história se repete, e os espíritas precisam se lembrar do heroísmo e da serenidade dos cristãos primitivos, para se portarem à altura dos ensinamentos evangélicos, diante das acusações de hoje.

A missão de Jesus não findou com a crucificação, como a sua doutrina de luz não se apagou com as deturpações humanas. Depois da crucificação, houve a ressurreição. E, assim também, após as deturpações, surge a hora gloriosa da restauração, anunciada pelo Cristo. O anúncio é claro e preciso, como vemos no cap. 14 do Evangelho de João, versículo 26: “Aquele

Consolador, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito”. O Consolador nos lembra os princípios verdadeiros do ensino de Jesus, que os homens perturbaram através dos tempos, ajeitando-os, muitas vezes, às suas conveniências. Mas, não se limita a lembrar o que foi dito naqueles tempos, porque lhe cabe também “ensinar todas as coisas”, dizer tudo aquilo que, no tempo de Jesus, não estávamos em condições de ouvir, porque não as entenderíamos.

Há uma seqüência lógica e natural das revelações cristãs, que todos os espíritas devem ter constantemente na memória. Primeiro, houve a revelação do Sinai, a missão de Moisés, da qual resultou a codificação bíblica. Foi a I Revelação e, já em seu texto, ela anunciava a segunda, que surgiria com a vinda do Messias. Depois, veio a II Revelação, com Jesus, e tivemos, então, a codificação evangélica, que também em seu texto anunciava a terceira. E, por fim, surge a III Revelação, com as manifestações dos Espíritos em todo o mundo, e temos, então, a codificação espírita. Mas, nesta codificação não se anuncia a quarta, não há a profecia de outra revelação. Por que? É o que passaremos a ver.

A primeira e a segunda revelações, como ensina Kardec, eram pessoais e locais, em virtude das condições do mundo em que elas apareceram. A terceira, porém, é impessoal e universal. Kardec não foi um revelador, como Moisés e Jesus, mas apenas um codificador, como aqueles que organizaram a Bíblia e os Evangelhos, depois que as revelações já haviam sido feitas. A revelação espírita é impessoal, pois surgiu no mundo através das comunicações espirituais, simultaneamente em vários países. Não foi feita por um homem, mas por muitos. E como a terra já atingiu um grau de progresso suficientemente superior, essa revelação impessoal e universal é também a última, não precisa de outra. É justamente o que Jesus já havia dito, ao anunciar, no versículo 16 do capítulo 14 de João: “E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre”.

O Espiritismo é a terceira e última revelação, que ficará conosco para sempre, iluminando-nos e esclarecendo-nos quanto aos problemas do espírito. A terra evoluída já permite aos homens o exercício ininterrupto da mediunidade e esta porta que se abriu para o céu garante a continuidade natural da revelação divina. Compreendendo, pois, estas coisas, e tendo-as sempre em mente, os espíritas estarão habilitados a enfrentar todas as acusações que lhes são feitas pelos adversários da doutrina. A fé esclarecida pela razão, pela compreensão, dar-lhes-á a força necessária para cumprirem os seus deveres, nesta hora de confusões sombrias por que vai passando o nosso planeta, às vésperas de uma nova aurora espiritual, prestes a brilhar sobre todo o mundo.

20.

Queria primeiro o acréscimo, para depois procurar o Reino

Contradições entre teoria e prática doutrinária
– Quando se entende somente para os outros
– Uma lição mediúnica.

Miranda, velho amigo estudioso da doutrina do Consolador e pregador apreciado, uma dia me confessou: “Há muito que entro no Evangelho, mas o Evangelho não entra em mim. Por incrível que pareça, quanto mais o leio, quanto mais me absorvo nele, menos o sigo. Não sou mau, nem viciado em coisa alguma, nada faço contra ninguém. Mas sou áspero, irritadiço, não tolero ofensas e não entendo como se possa procurar primeiro o Reino de Deus, quando a Terra, diariamente, exige tanto de mim”.

Respondi-lhe que nós todos somos assim. Todos temos os nossos defeitos, as nossas deficiências de compreensão. Mas isso é natural, e não tem importância, desde que lutemos para nos corrigir. Se fôssemos perfeitos não estaríamos aqui, nem precisaríamos do Espiritismo. Estaríamos em mundo melhor, em plano superior, na companhia daqueles que, para as várias religiões, são os eleitos. Lembrei-lhe o que dizia Kardec: “O verdadeiro espírita se conhece pela sua transformação moral.” Kardec não exigia a perfeição, mas o avanço constante rumo a ela.

Miranda ouviu atentamente, com um pequeno volume do Evangelho nas mãos. Concordou, em parte. Mas logo acrescentou: “E se me esforço, mas não consigo melhorar-me? Já pensaste nisso? No drama do espírita que deseja melhorar e não consegue? Volto a insistir no caso do Reino de Deus. Como posso pensar nele, com a conta do empório no bolso e o ordenado já gasto? Essa é uma imperfeição que não venço. Sou obrigado a mentir, a trapacear, para resolver a situação.”

Perguntei-lhe se já havia examinado bem o conteúdo do ensino evangélico a que se referia. Respondeu que sim.

Perguntei-lhe, então, o que entendia pelo Reino de Deus. Disse que entendia ser o reino da pureza, da verdade e do amor. Buscá-lo, pois, seria portar-se de acordo com esses princípios. Mas, como ser puro, se precisava mentir e trapacear? Como ser verdadeiro, se precisava simular? Como cultivar o amor, se os semelhantes o ofendiam, censuravam-no impiedosamente, amarguravam-no? Baixou a fronte, pensativo, rodando nas mãos o volumezinho do Evangelho, como uma coisa inútil. Suspirou e exclamou, num desabafo: “Acho que o melhor é deixar de falar na doutrina. E fazer como se diz por aí: fé em Deus e unha no próximo!”

Procurei, ainda, consolá-lo por mil maneiras. Inútil. Miranda estava amargurado consigo mesmo, revoltado. Mas à noite, aparentemente por acaso, encontramos-nos com um médium amigo. Conversa vai, conversa vem, resolvemos fazer uma prece em conjunto, para ajudar o Miranda. E mal a terminávamos, uma entidade amiga se incorporava no médium, dirigindo-se ao companheiro, desolado:

– Miranda, você não quer buscar o Reino de Deus e a sua justiça? Pois então, meu irmão, busque o outro.

– Que outro? perguntou Miranda, assustado.

– O do Diabo e a sua injustiça.

– Mas o Diabo não existe – objetou Miranda – É uma invenção, uma interpretação errada dos textos. Chamas de diabo os espíritos imperfeitos, como eu, que andam trapaceando por aí.

– Pois então, Miranda, continue no seu Reino e na sua injustiça. Ninguém o obriga a buscar o Reino de Deus.

Miranda não se conteve. Lágrimas ardentes lhe correram pelo rosto. Disse-me, depois que, no momento, todo o absurdo da sua atitude lhe surgira de inopino aos olhos da alma. Então a entidade amiga, compassiva, disse-lhe:

– Como vê, Miranda, meu irmão, não há outro caminho. Mancando ou não, você tem mesmo é de seguir por aí. Em vez de mentir, confesse humildemente aos credores a verdade da sua situação. Em vez de trapacear, procure fazer negócios sérios. A

princípio, vai ser um pouco difícil, porque o seu passado é um tanto escuro. Mas, insista no caminho reto, e será ajudado. Ponha o pé no Reino de Deus, e o acréscimo começará a aparecer. Até agora, você tem falado do que entendeu. Agora, ponha em prática o entendimento, e fale do que experimentou.

Ao sairmos da reunião, Miranda mostrava um semblante mais tranqüilo. E, em breve, se abriu conosco, num desabafo salutar:

– É verdade, amigos, tenho falado do que entendi, mas não tenho praticado. Nunca fui insincero nas minhas pregações. Mas acontece que eu ensinava os outros, e eu mesmo não aprendia. Curioso! Eu desejava o acréscimo, sem buscar o Reino! De agora em diante vou fazer o contrário. E os Espíritos me ajudarão.

21. O mistério do bem e do mal

“Por que razão devemos pagar o mal com o bem e amar os nossos inimigos? O certo não é o contrário, pagar o mal com o mal e odiar os inimigos? O sujeito que me der uma bofetada leva um tiro que o manda para o inferno. Foi sempre assim que se fez. O mundo é isso. E é por isso que não entendo as religiões, não entendo o Espiritismo. Se eu ficar espírita tenho de deixar de ser homem. Vou ser maricas, bonzinho ou idiota!”

Depois disso, o leitor acrescenta: “Quer me dizer o que é o bem e o que é o mal? Que mistério é esse? Levar uma bofetada é um bem? Matar um bandido é um mal? Quero ver como vocês, espíritas, se saem dessa”.

Nosso espaço é pouco para responder a tudo. Mas vamos fazer o possível. Mesmo porque não adianta escrever muito. O próprio leitor informa: “Não sou de muito ler e de muito pensar. Sou homem de atividade”.

Vamos por ordem:

1 – Os bichos se mordem e se estraçalham. O fraco foge do forte. Mas o homem não é bicho, é homem. Tem inteligência, consciência, linguagem, sabe falar. Os homens se entendem. Devemos pagar o mal com o bem porque precisamos do bem para viver. O mal aumenta o mal e transforma os homens em bichos. A lei do “olho por olho e dente por dente” pertence às épocas de barbárie. Só o amor produz a civilização, humanizando os costumes e desenvolvendo a solidariedade.

2 – Se o leitor se tornar espírita, deixará no passado o bicho que existe em cada um de nós, para se tornar uma criatura humana. Aliás, toda religião e toda doutrina espiritualista, sejam quais forem, têm por finalidade afastar o homem da condição animal, para humanizá-lo. Ser bom, não é ser idiota. Pelo contrário, a idiotice está precisamente em ser mau. Os maus se condenam a si mesmos e acendem um braseiro na consciência.

3 – Levar uma bofetada pode ser um bem, quando serve para ensinar o bem, como no caso de Jesus. Matar um bandido é sempre um mal, pois ninguém precisa mais de viver do que um bandido. A vida é a grande educadora das almas. Matar um bandido é retirar a sua possibilidade de regenerar-se, de aprender a ser bom. Em todos os países civilizados o direito penal moderno é contrário à pena de morte. O bandido é um homem em que o animal predomina. Mas, é um homem, um filho de Deus, uma alma pela qual o Cristo se entregou ao suplício da cruz. O bandido é um nosso irmão em erro, que deve ser corrigido e não aniquilado.

4 – Um homem de atividade, ou de ação, precisa ler e pensar. A atividade sem pensamento é impossível. Primeiro pensamos, depois agimos. Os que dizem que preferem agir estão errados, pois na verdade estão agindo sem o necessário critério, que vem da reflexão. Por outro lado, a reflexão se apóia no conhecimento e, quem não lê, conhece muito pouco. A boa leitura e o bom pensamento conduzem à ação reta, à atividade certa. Leia mais e pense, sempre, antes de agir.

22.

Sanson e Schutel

“É possível que um espírito se comunique logo após a morte?” A pergunta do leitor decorre de um artigo que leu sobre a comunicação de Cairbar Schutel, em sua câmara mortuária. Diante do corpo, um médium recebeu o espírito do apóstolo de Matão, que se identificou pelas expressões, pela forma peculiar de falar, pelos gestos e pelas referências à sua própria existência que se findara. Estranhou, o leitor, que isso fosse possível, pondo em dúvida o relato do articulista.

O Espiritismo reconhece a possibilidade dessas comunicações, embora nem sempre elas sejam possíveis. Em abril de 1862, faleceu, em Paris, depois de um ano de sofrimento, acamado, o sr. Sanson, antigo materialista que se convertera ao Espiritismo e foi membro da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Lembrou-se Kardec de que, antes de sua morte, ele lhe havia pedido para evocar o seu espírito logo após o passamento. Kardec o atendeu e compareceu à câmara mortuária acompanhado de amigos e médiuns. Sanson manifestou-se diante do corpo em exposição e acabou fazendo uma comovente despedida do instrumento que lhe havia servido no mundo.

O caso Sanson é semelhante ao de Schutel, fundador da “Revista Internacional de Espiritismo”. Mas não são esses os únicos casos de comunicação *post-mortem* imediata. Para que isso aconteça é necessário que o espírito desencarnado esteja consciente de sua passagem e em condições de se manifestar. E, para que essas condições existam, é indispensável que o morto tenha vivido de maneira favorável, com dignidade humana e mais interessado nas coisas espirituais do que nas materiais. Porque esse desprendimento já é, mesmo em vida, “um princípio de libertação do espírito”, segundo ensina a doutrina espírita.

Uma das principais vantagens do conhecimento do Espiritismo é, precisamente, antecipar essa libertação, dando ao homem uma visão espiritual da vida e preparando-o para

compreender o fenômeno da morte, de maneira a não se aturdir com ele. Certas pessoas acham que isso não tem importância, pois enquanto estamos no mundo devemos “viver a vida”. Mas, se a vida não acaba na morte, pois o homem é espírito e não corpo e só este é que morre, facilmente se compreende o valor e a importância dessa vantagem. “Morrer não é morrer, meus amigos, morrer é mudar-se”, dizia Victor Hugo. Ora, quem se muda precisa saber para onde vai e como o faz.

O caso do Sr. Sanson pode ser lido no início da segunda parte do livro *O Céu e o Inferno*, de Allan Kardec, uma das obras fundamentais da doutrina espírita. Mas, aconselharíamos o leitor a consultar também o livro do prof. Ernesto Bozzano: *Comunicações Mediúnicas Entre Vivos*, recentemente publicado na *Coleção Científica Edicel*, na tradução do prof. Kloris Werneck. Verá o leitor que não só os mortos recentes se comunicam, mas também as pessoas vivas. Na coleção da *Revista Espírita*, também já publicada em português, podem ser apreciadas as pesquisas de Kardec a respeito, que marcam um dos episódios científicos mais importantes do Espiritismo.

23.

O mistério de Paulo

Pode o Espiritismo explicar a misteriosa figura do apóstolo Paulo? A súbita conversão do feroso perseguidor, nas portas de Damasco, reveste-se, aparentemente, das características do milagre. Sua atividade posterior é considerada por muitos como superior à do próprio Cristo, na implantação do Evangelho. Chega-se a dizer que o Cristianismo é obra de Paulo e não do Cristo. Há, também, quem veja em Paulo uma espécie de reformador do Cristianismo, sustentando a existência de divergências profundas entre o Evangelho e as Epístolas do apóstolo dos gentios.

A mente humana é cheia de escaninhos sombrios e, às vezes, se apresenta como caprichoso labirinto. O Espiritismo é inteiramente contrário a essas teorias disparatadas. A conversão de Paulo não se deu por acaso, nem da maneira brusca por que costumam apresentá-la. “Tudo se encadeia no Universo”, diz *O Livro dos Espíritos*. Houve, também, um encadeamento de causas e efeitos na vida de Paulo, para levá-lo ao encontro do Cristo, na Estrada de Damasco. Os interessados no esclarecimento desse problema encontrarão amplos esclarecimentos na obra *Paulo e Estêvão*, de Emmanuel, psicografada por Chico Xavier, que acaba de ser lançada em oitava edição, pela Livraria da Federação Espírita Brasileira.

Não se trata de um romance, como geralmente se pensa, mas de uma biografia romanceada, de uma reconstituição da vida de Paulo, abrangendo aspectos fundamentais da época heróica de expansão do Cristianismo; as fontes da conversão de Paulo na sua própria dedicação a Moisés. Emmanuel não se serve da bibliografia terrena para essa reconstituição, mas das “tradições do mundo espiritual”. Vemos, então, que Gamaliel, mestre de Paulo, que devia suceder o mestre no Sinédrio, foi também um convertido. E duas figuras praticamente desconhecidas dos investigadores da História cristã, o pregador Estêvão e sua irmã Abigail, que foi noiva do jovem Saulo de Tarso, representam

papel decisivo na preparação do seu espírito para o encontro com o Cristo.

As lutas de Saulo, após a conversão, são longas e dolorosas. Mas a sua inteligência poderosa e a sua profunda sinceridade, levam-no a compreender o Cristianismo como ninguém ainda pudera fazê-lo. Os que vêem diferenças entre Paulo e o Cristo, fazem confusão entre as interpretações parciais da mensagem cristã, espalhadas no mundo, e a interpretação legítima e total do apóstolo dos gentios. Paulo nada acrescentou, nem teve a mais leve pretensão de modificar o Cristianismo. Sua principal virtude, nas lides cristãs, é a fidelidade a Cristo, opondo-se até mesmo aos erros judaizantes dos apóstolos que haviam convivido com o Messias.

Paulo e Estêvão é uma obra que justificaria, sozinha, a existência e o apostolado mediúnico de Chico Xavier, na atualidade. Mas não é livro para ser lido como romance, com interesse apenas pelos lances românticos do enredo. É livro para ser estudado, para ser lido e meditado. Na bibliografia mediúnica mundial talvez não exista nenhum livro de maior importância do que esse. Os leitores que ainda não o conhecem devem aproveitar a oportunidade desta oitava edição, que completa sessenta e cinco milheiros de exemplares, lançados em nosso país, fora as traduções que correm o mundo.

24. O anjo

A Doutrina Espírita nos ensina que somos, todos, candidatos a anjo. Mas é conveniente lembrar a distância existente entre o candidato e o cargo, ou a posição que ele deseja atingir. Todos somos candidatos, mas não sabemos quando atingiremos o grau necessário de evolução espiritual, moral e intelectual para elevarmo-nos à categoria angélica. Por essa e por outras, Kardec sempre acentuou que o Espiritismo é uma questão de bom senso. Por outro lado, a sabedoria popular nos adverte que *não é com muita sede que se vai ao pote*.

No Espiritismo, os anjos não são uma criação especial de Deus, mas as próprias criaturas humanas, que conseguem superar a precária condição humana. Anjos, portanto, são espíritos superiores, como demônios ou diabos são espíritos inferiores, encarnados e desencarnados. Podemos ter anjos encarnados na Terra mas, evidentemente, são raros e não se fazem conhecer por modulação da voz, gestos estudados, atitudes artificiais ou vocabulário mistificado. O verdadeiro anjo se integra na realidade social comum, como exemplificou Jesus, diferenciando-se pela conduta superior e por uma concepção da vida que amplia os horizontes.

No movimento espírita sempre houve, como em todas as correntes espiritualistas e religiosas, uma tendência à angelização. Mas, de alguns anos para cá, essa endemia espiritual se precipitou numa forma aguda de surto epidêmico. Temos, hoje, milhares de candidatos a anjo, em curto prazo. Sem o conhecimento doutrinário, ignorando o aspecto realista e racional do Espiritismo, que tanto condena a preguiça, como a pressa, no processo evolutivo, que tem de ser natural e não artificial, esses calouros da escola espírita bem mereciam um trote com as orelhas de Midas. A princípio, essa epidemia não preocupou a ninguém. Parecia tão simplória quanto inofensiva. Não era meningite, mas, apenas, catapora.

Contribuiu, evidentemente, para isso certo número de mensagens de Emmanuel, através de Chico Xavier, recomendando controle de expressões, da voz e de atitudes. Essas mensagens caíram no gosto dos candidatos mais inocentes. E, como havia freqüente condenação da crítica – sem a devida distinção entre o sentido popular da palavra e o seu sentido cultural elevado –, os candidatos inocentes à angelitude submeteram sua capacidade crítica a uma tentativa de afogamento nas águas do inconsciente. Produziram, assim, um novo tipo de complexo no esquema psicanalítico, o de Penélope, que fingia tecer um véu sem fim, à espera do bem-amado Ulisses.

Tornou-se comum, no meio doutrinário, a figura do anjo artificial, feito de matéria plástica, semelhante à conhecida figura dos evangélicos de aparência, que só revelam o que são quando lhes pisamos os calos.

Tudo isso parecia inócuo e até mesmo curioso. Mas os comitês de candidatos à angelitude proliferaram como os comitês políticos em véspera de eleições. Formaram-se, por toda a parte, os grupinhos formalistas com seus ademanos e seus slogans. Essas coisas são contagiosas e, em breve, até mesmo pessoas que pareciam imunes acabaram por contagiar-se. O resultado aí está, esmagador na sua surpresa, avassalador na sua insistência teimosa: a adulteração das obras de Kardec, iniciada com a viciação de *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Os candidatos a anjo desembocaram no delta comum da adulteração. E o fizeram da maneira mais simplória e ridícula, sem sequer a grandeza das adulterações clássicas da Bíblia e dos Evangelhos que, pelo menos, guardavam nas suas expressões algumas faíscas do fogo do céu, roubado pelo assaltante Prometeu, das usinas elétricas do Olimpo.

A adulteração das consciências projetou-se, objetivamente, na adulteração das obras doutrinárias. O surto epidêmico de angelitude atingiu, em primeiro lugar, o coração da estrutura literal e conceptual da Codificação. Isso nos prova a sua virulência extrema. A própria Federação Espírita do Estado⁴ foi devastada pelos vírus implacáveis. Daqui a pouco, teremos a

Codificação angelizada, não mais dirigida aos homens, mas aos anjos; não mais apoiada no bom senso de Kardec, mas no contra-senso de alguns calouros de anjo que ainda não passaram pelo trote. E isso faz parte do quadro de cataclismos morais que os Espíritos Superiores anunciaram a Kardec, como podemos ver em *Obras Póstumas*. Não teremos mais uma doutrina, mas uma caricatura doutrinária, com todas as deformações e aleijões caricaturais.

É contra essa ameaça que temos de nos levantar. Nenhum espírita consciente do valor e do significado real da Doutrina Espírita pode cruzar os braços e calar a boca diante dessa calamidade. Trata-se de um gravíssimo problema de cultura. Estamos reduzidos, perante os homens de cultura, à condição de uma súcia de ignorantes, de místicos retrógrados, incapazes de compreender a própria doutrina que esposam. São os anjos que nos reduzem a isso? Não. São os pretensos candidatos a anjos.

25.

A verdade vos libertará

O diálogo de Jesus com os judeus, no Templo de Jerusalém, relatado nos versículos 21 a 57, do capítulo oitavo, do Evangelho de João, acabou numa tentativa de lapidação. Indignados com a verdade cristã, que contrariava os seus dogmas, os judeus pegaram pedras para lhe atirar. Mas, segundo escreve João: “Jesus encobriu-se e saiu do Templo”. Na tradução de Almeida, “Jesus ocultou-se”.

Na verdade, Jesus desapareceu diante deles. Porque estavam no pátio, lugar aberto e amplo, onde ninguém poderia esconder-se facilmente. E estavam face a face, primeiro dialogando e, depois, discutindo. É evidente que Jesus serviu-se das suas faculdades paranormais, dos seus poderes mediúnicos, para ocultar-se aos olhos dos adversários. Por sinal que ele mesmo ensinou: “Tudo o que eu faça, vós também podeis fazer”. O Espiritismo provaria, mais tarde e, hoje, a Ciência o confirma, que as faculdades mediúnicas permitem aos médiuns de efeitos físicos desaparecerem parcial ou totalmente aos olhos dos outros.

Mas, o ponto central do diálogo com os judeus – certamente escribas e fariseus – é o momento em que Jesus disse aos que haviam acreditado nas suas palavras: “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”. O auditório estava dividido. Uns poucos aceitaram o seu ensino, mas a maioria o rejeitou. E foi por isso que muitos lhe gritaram: “Somos descendentes de Abraão e nunca fomos escravos de ninguém”. Ao que Jesus retrucou: “Em verdade, vos digo que o que comete pecado é escravo do pecado”.

Para os judeus formalistas, apegados aos dogmas da sua seita e às prescrições da lei, quem estava pecando era Jesus, que violava as regras sagradas para ministrar novos ensinamentos. A verdade, para eles, era a interpretação farisaica das Escrituras. Jesus lhes aparecia como um herege e, por isso mesmo, chamaram-no de samaritano e possesso do demônio. A História está cheia de episódios dessa natureza. Os homens se apegam a

fórmulas, a preceitos, a interpretações convencionais, enchem a cabeça de mistérios e absurdos e, depois, não têm olhos para a verdade, quando ela se revela na palavra dos emissários divinos.

É assim na Religião, na Ciência, na Filosofia, nas Artes, em todos os setores do conhecimento. É por isso que o Espiritismo – doutrina livre dos prejuízos do espírito de sistema – não tem como lema a expressão arrogante: “Fora da verdade, não há salvação”, mas, sim, a expressão humilde: “Fora da caridade, não há salvação”. Os que são caridosos, amantes do Bem, estão de olhos e ouvidos abertos para a Verdade, porque o Bem é o próprio Deus manifestado entre os homens – e só Deus possui a Verdade. Assim como Deus não faz acepção de pessoas, a Caridade não separa os homens e não atira pedras contra os que seguem por outro caminho.

26.

Descrições da vida espiritual nas zonas inferiores do espaço

Regiões em que os espíritos continuam apegados às formas da vida material – “Ação e Reação”, de André Luiz, uma contribuição dos espíritos para as comemorações do centenário.

O primeiro centenário do Espiritismo teve, também as suas comemorações no outro lado da vida. Não foi apenas em nosso plano material, neste reverso da vida em que nos arrastamos, apegados à densidade da matéria grosseira, que o grande acontecimento despertou entusiasmos. Embora o advento do Espiritismo nos pareça um fato específico do nosso mundo, pois a doutrina veio para orientar os homens encarnados, a verdade é que esse fato se refere também aos planos espirituais. E o que é mais importante: esse fato tem tanta significação para nós, quanto para os Espíritos.

Todos os que militam no movimento espírita sabem que os Espíritos participam ativamente dos trabalhos doutrinários. Nada mais natural, portanto, do que a sua intensiva participação nas comemorações do centenário. Uma prova concreta dessa participação acaba de ser dada pela publicação de mais um livro psicografado por Francisco Cândido Xavier, livro que traz no prefácio de Emmanuel, as seguintes frases: “Um século de trabalho, de renovação e de luz. Para contribuir nas homenagens ao memorável acontecimento, grafou, André Luz, as páginas deste livro”.

Como se vê, *Ação e Reação*, novo livro de André Luz, que a Federação Espírita Brasileira acaba de publicar, é uma contribuição espiritual para as comemorações do centenário. E que excelente contribuição! O título é suficiente para indicar o conteúdo. André Luiz faz uma ampla exposição do problema de ação e reação, através de exemplos colhidos diretamente nas zonas sombrias em que vivem os espíritos sofredores.

Os livros de André Luiz, que já constituem volumosa coleção, valem por um verdadeiro trabalho de ilustração dos princípios espíritas, por meio de relatos de episódios vividos nos planos espirituais. Em *Nosso Lar*, primeiro volume da série, temos a descrição pormenorizada de uma cidade espiritual, destinada à preparação das criaturas para a espiritualidade superior. Em *Os Mensageiros*, a descrição dantesca das zonas de sofrimento, regiões purgatoriais ou infernais - como queiram -, em que se arrastam as almas dos que não souberam compreender as oportunidades da encarnação terrena. Mensageiros são os Espíritos superiores, que descem às zonas sombrias ou à própria face da terra para trazerem socorro às criaturas entregues ao desespero, à angústia, ao remorso e a todas as formas de sofrimento espiritual.

Em *Ação e Reação* os fatos se passam, também, numa zona espiritual densamente carregada de influências materiais. Em meio a uma região aparentemente abandonada, em que as “almas brutas e bravas”, a que se refere Dante, rugem, choram, esbravejam e gemem, perdidas nas sombras e resgatadas pela ventania de suas próprias iniquidades, ergue-se um conjunto arquitetônico que oferece asilo, conforto e cura aos que se puseram em condições de ser socorridos, ou seja, aos Espíritos que começaram a se arrepender de seus erros.

“O estabelecimento – diz André Luiz – situado nas regiões inferiores, era bem uma espécie de Mosteiro São Bernardo, em zona castigada por natureza hostil, com a diferença de que a neve, quase constante em torno do célebre convento encravado nos desfiladeiros, entre a Suíça e a Itália, era ali substituída pela sombra espessa, que, naquela hora, se adensava ao redor da instituição, como se tocada por ventania incessante.”

Para os que não conhecem os princípios da Doutrina Espírita e não estão familiarizados com descrições das zonas espirituais mais próximas da crosta terrestre, tudo isso pode parecer ilusório, imaginário, pouco provável. Mas os que sabem que os Espíritos não são mais do que homens desencarnados e que, como os homens terrenos, vivem a sua vida, executam os seus

trabalhos e realizam as suas construções, compreendem bem as descrições de André Luiz.

Há quem não admita a existência de coisas tão concretas no plano espiritual. André Luiz se refere, porém, às zonas inferiores, aquelas em que os Espíritos, ainda demasiado apegados às formas da vida material, não conseguiram “libertar-se em espírito”. É edificante ver, em *Ação e Reação*, como os Espíritos Superiores trabalham nessas regiões, prestando sua assistência caridosa aos irmãos que se transviaram nas sendas egoístas da vida terrena.

27.

Estudo espírita do processo de desenvolvimento do Cristianismo

Dos ensinamentos de Jesus até os nossos dias

– A parábola do semeador e a sua aplicação histórica

–O que disse Jesus à mulher samaritana.

Nunca será demais insistirmos na afirmação de que o Cristianismo é um processo histórico ainda em desenvolvimento, e não suficientemente estudado. A maior parte de tudo quanto se tem escrito sobre esse processo não vai além do seu aspecto formal. Um estudo em profundidade sobre o Cristianismo teria de penetrar o seu espírito, mas essa penetração só tem sido possível em raras ocasiões e, assim mesmo, por breves momentos. O próprio desenrolar do processo, sob os nossos olhos, veda-nos a sua compreensão real e profunda.

O Espiritismo, pelo fato, mesmo, de representar a fase mais recente do desenvolvimento histórico do Cristianismo e, ainda, por implicar a volta aos seus princípios fundamentais, é a grande oportunidade que surge, entre os séculos XIX e XX, para uma revisão dos estudos sobre esse processo e sua conseqüente ampliação. Não é, pois, de admirar que, mesmo entre os espíritas, apareçam os que se mostram inseguros nesse terreno. Em geral, os estudiosos se inclinam por uma solução mais rápida do problema: a distinção artificial e forçada entre Cristianismo e Espiritismo.

Ainda há pouco, escrevia um autor espírita que o Cristianismo representa apenas uma tradição morta, estratificada no tempo, e que os espíritas devem evitar toda confusão entre ele e o Espiritismo. Ao dizer isso, o autor não refutava a verdade cristã, os princípios evangélicos, mas tão-somente o processo histórico conhecido por Cristianismo. Para ele, o Espiritismo é o cumprimento da promessa evangélica do Consolador, mas, por isso mesmo, deve ser separado do Cristianismo, como este o foi do Judaísmo, do qual se originou. O erro desse autor decorre da

premissa falsa de que o Consolador pode ser “outra coisa” que não o Cristianismo. Sim, pois se aceitarmos a promessa do Consolador, temos de aceitar também o que ela representa, ou seja, a continuidade e o restabelecimento do Cristianismo em espírito e verdade.

Entre o Judaísmo e o Cristianismo havia pouco mais que a ligação profética do advento do Messias. O espírito do Judaísmo era, em muitos sentidos, contrário ao do cristianismo. O rompimento entre os dois se fazia inevitável e necessário. Mas, entre o Cristianismo e o Espiritismo não existe esse antagonismo. Pelo contrário, o que existe é a mais perfeita unidade espiritual. Todos os princípios fundamentais do Cristianismo, que realmente caracterizam o ensino evangélico, estão presentes no Espiritismo. E as únicas diferenças entre o que conhecemos por tradição cristã e o que o Espiritismo ensina decorrem dos elementos estranhos que se misturaram àquela tradição, ao longo dos séculos.

O fato de ter havido essa mistura, entretanto, não representa uma quebra no desenvolvimento do processo histórico do Cristianismo. E tanto não representa, que a promessa do Consolador já encerrava a previsão dessa mistura. A verdade é que o Cristianismo, como um processo de transformação substancial do homem e do mundo, exige, para o seu desenvolvimento, uma sucessão muito mais complexa de fases evolutivas do que todos os demais processos que conhecemos. Essa complexidade leva os estudiosos, no desejo natural de simplificá-la, a negarem a unidade da linha evolutiva do Cristianismo.

A melhor maneira de compreendermos o desenvolvimento do Cristianismo é a que nos oferece o próprio Evangelho, na parábola do semeador. Jesus a desenvolveu até as últimas conseqüências, quando se referiu à necessidade de que o grão de trigo “morra” na terra, para germinar. O Cristianismo segue exatamente essa linha de desenvolvimento que podemos acompanhar no crescimento do trigo. Os ensinamentos de Jesus, lançados à terra dos corações e das consciências, germinaram como uma sementeira de trigo. Mas, para que houvesse

germinação, esses ensinos tiveram de “morrer”, de se desfazer na terra. Depois, brotaram como hastes frágeis e tenras (a igreja primitiva) e cresceram, adquirindo volume e força. Mas, para isso, absorveram os elementos do solo e do ar, integrando-se no seu corpo. E, assim como um pé de trigo é completamente diferente da semente de que proveio, assim o corpo do Cristianismo se diferenciou profundamente dos ensinos que o originaram.

Todavia, quando o trigal chega ao termo do seu desenvolvimento, começa a dar flores que, por fim, se transformaram em espigas e, destas, surgem os grãos perfeitamente semelhantes àqueles que foram plantados. Quem não se lembra das palavras de Jesus a respeito? Pois é assim que vemos, no próprio Evangelho, a melhor e mais perfeita descrição do processo histórico do Cristianismo. O Espiritismo procede da tradição cristã, da mesma maneira que o trigo procede do trigal, por mais que os grãos sejam diferentes da haste que os gerou. As condições históricas que o Cristianismo teve de enfrentar, para se desenvolver, assemelham-se às condições mesológicas em que o trigo se desenvolve. Vencidas essas condições, o Cristianismo chega, ao nosso tempo, àquela fase anunciada por Jesus à mulher samaritana, em que Deus não será adorado no templo de Jerusalém, nem no Monte Garasin, mas “em espírito e verdade”.

28.

Luz interna a clarear atitudes, em vez de cartaz de propaganda

Posição dos espíritas em face das disputas eleitorais

- As chamadas “candidaturas espíritas”
- Papel do espírita na política
- O que ensinam os fatos e as experiências.

Às vésperas de pleitos eleitorais começam a aparecer as candidaturas espíritas, assim como aparecem as de outras correntes religiosas. Muitos confrades acham que os espíritos não podem e nem devem ficar alheios ao movimento político. Alguns chegaram, mesmo, a pensar na organização de movimentos espíritas com fins políticos e, no Rio de Janeiro, acaba de aparecer uma Liga Eleitoral Espiritualista, mais ou menos nos moldes da Liga Eleitoral Católica. É curioso que essa liga se chame “espiritualista”. Revela, com isso, uma ambição eleitoral que vai um pouco além do âmbito puramente espírita.

Diante de tudo isso, não é de estranhar que alguns amigos nos interpelem a respeito do assunto. E à maneira do que já fizemos nos anos anteriores, em outras vésperas de eleições, não temos dúvida em declarar que continuamos firmemente “anti-eleitoreiros”. Ainda agora, no II Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas⁵, que se realizou nesta capital, assumimos posição contrária à tese do confrade Eurípedes de Castro, sobre questões políticas. Porque entendemos que o Espiritismo tem a sua missão própria, a sua tarefa específica, que não se confunde nem deve confundir-se com a tarefa das organizações políticas.

Não queremos dizer que o Espiritismo nada tenha com a política. Pelo contrário, entendemos que a sua missão universal abrange, também, esse plano das atividades humanas. No entanto, a sua função é a luz que ilumina o panorama político e, não, de hoste a se infiltrar no mesmo. No dia em que arregimentarmos os espíritas para a política estaremos

ameaçando a pureza e a integridade do movimento doutrinário. Temos de lutar pelo esclarecimento dos corações e das consciências, pela orientação das almas no caminho da verdade. Através dessa luta é que poderemos contribuir para a elevação do nível político. As criaturas esclarecidas e orientadas pelo Espiritismo, chamadas para as lutas políticas, levarão até elas a luz dos princípios doutrinários. Fora disso, não vemos senão eleitoralismo à sombra da doutrina.

A experiência nos tem provado a exatidão desse ponto de vista. Quantos candidatos-espíritas surgiram em eleições passadas, para se perderem depois de eleitos, para si mesmos e para o movimento? Por outro lado, quantos espíritas conscientes, zelosos da pureza doutrinária, evitando misturar uma coisa e outra, fizeram política, de acordo com a própria vocação, e conseguiram excelentes resultados? Uns, apresentando-se indevidamente como candidatos-espíritas, conquistando eleitores nos meios doutrinários, atirando o Espiritismo no caldeirão das lutas eleitorais, acabaram acomodados na carreira política. Outros, pelo contrário, evitando confusões, candidatando-se como simples cidadãos, tendo escrúpulo em atirar o Espiritismo na fogueira política, foram mais capazes de manter, depois, no torvelinho das disputas parlamentares, a firmeza de seus princípios.

Parece demonstrado pelos fatos, pelas experiências, que o envolvimento do Espiritismo em política revela pouco amor à doutrina, pouco zelo pelo movimento doutrinário, ou quando nada, pouco discernimento por parte dos chamados “candidatos-espíritas”. O verdadeiro espírita, plenamente consciente de suas responsabilidades doutrinárias, não explora a sua posição religiosa para fins eleitorais. Candidatando-se, por este ou aquele partido, de acordo com as suas preferências, o faz como cidadão. O Espiritismo lhe servirá de guia, de luz interna a clarear-lhe as atitudes e deliberações, mas não de isca eleitoral. Porque ele sabe que o Espiritismo deve pairar acima das tricas e futricas das agitações políticas, evitadas de interesses mesquinhos e transitórios, num mundo onde os homens ainda não atingiram o

plano evolutivo em que a política se transforma em atividade fraterna.

Somos, pois, contrários às impropriamente chamadas “candidaturas-espíritas”. O Espiritismo não tem candidatos, o movimento espírita não é um movimento eleitoral. Isso não impede que os espíritas se candidatem e que eleitores espíritas prefiram votar em espíritas. Mas, parece-nos de bom alvitre que os eleitores espíritas se precavenham contra os que se apresentam como “candidatos-espíritas”, sem o menor receio de exporem o Espiritismo e o movimento doutrinário às lutas políticas, na defesa de suas intenções ou ambições pessoais.

29.

Importância da obra de Kardec e sua significação no momento

**Aniversário do nascimento do codificador
– Meio século de preparação, para o cumprimento
de sua tarefa – As pesquisas psíquicas
de ordem científica, em nossos dias.**

A data de 3 de outubro é comemorada pelos espíritas em todo o mundo, por assinalar o nascimento de Allan Kardec, na cidade de Lyon, na França, no ano de 1804. Meio século correu sobre essa data, antes que o Espiritismo surgisse no mundo. A criança que nasceu em Lyon, numa família tradicional de magistrados franceses, recebeu o nome de Hippolyte Léon Denizard Rivail e, ao contrário dos seus ascendentes, não seguiu a carreira da família. Estudou medicina, mas também não seguiu essa carreira. Preferiu a pedagogia, em que se destacou como discípulo de Pestalozzi, e por numerosas obras didáticas, largamente adotadas nos cursos franceses.

É curioso notar-se que o prof. Denizard Rivail somente começou a se interessar pelos fenômenos espíritas aos cinquenta anos de idade, ou seja, em 1854 e, somente em 1857, publicou o primeiro livro doutrinário. Esse livro, aliás, tornou-se a pedra angular do Espiritismo, a obra fundamental da doutrina. Foi a partir desse livro, *O Livro dos Espíritos*, que a doutrina começou a existir. Antes dele, só existiam os fenômenos e interpretações diversas dos mesmos. Kardec estruturou o Espiritismo e deu-lhe um nome, criando para isso uma palavra especial, um neologismo da língua francesa, que logo mais era traduzido para todas as línguas. A palavra Espiritismo é uma criação de Kardec, que a divulgou pela primeira vez ao publicar o referido livro.

Durante cinquenta anos, portanto, o prof. Denizard Rivail preparou-se para o cumprimento da missão que lhe cabia na terra. As pessoas que criticam esse fato, afirmando que Kardec só na velhice se lembrou dos fatos espíritas, esquecem-se de que

as grandes tarefas exigem amadurecimento dos seus responsáveis. Também Jesus viveu trinta anos na obscuridade, preparando-se para a pregação do Reino, que só realizou nos três últimos anos de sua vida. Denizard Rivail estudou, desde muito jovem, magnetismo e hipnotismo, aprofundando-se no conhecimento dessas matérias, que muito lhe serviram, mais tarde, para compreender a natureza dos fenômenos espíritas. Por outro lado, os seus estudos de medicina e de pedagogia muito contribuíram para a posição objetiva e serena que tomou diante da fenomenologia espírita, não se deixando levar por conclusões apressadas, em nenhum momento.

A obra de Kardec provocou reações imediatas em vários setores do mundo cultural da época. As duas reações principais partiram da esfera religiosa e da esfera científica. De lado a lado havia grandes interesses em jogo. Kardec contrariava numerosos dogmas religiosos e abalava princípios fundamentais das ciências. Homens, como William Crookes e Alfred Russel Wallace, seriam convocados a se pronunciar a respeito dos fenômenos espíritas, a fim de liquidarem, com a sua imensa autoridade científica, a “nova superstição”. Mas, assim como na esfera religiosa houve sacerdotes e ministros que preferiram romper com suas igrejas a negar a evidência dos fatos espíritas, assim também, na ciência, Crookes, Wallace e outros, preferiram, honestamente, a verdade.

Essa atitude corajosa de vários luminares da ciência e da religião não foi suficiente para impedir a onda de ataques ao Espiritismo e, portanto, a Kardec e sua obra, que até hoje continua a rolar sobre o mundo. As instituições humanas são dotadas do mesmo instinto de conservação que caracteriza os homens. Reagem com energia diante de tudo aquilo que possa ameaçar-lhes a estrutura. Mas o Espiritismo dispunha, por sua vez, de energia suficiente para enfrentar a luta, e prosseguiu. Kardec fechou os olhos para a vida física, a 31 de março de 1869, próximo aos 65 anos de idade. Mas, já nesse tempo, a sua obra constituía um sólido e grandioso monumento, conhecido em toda a Terra. E, após a sua morte, sua mulher, Amèlie Boudet, e seus discípulos, prosseguiram na luta, que mais tarde seria

dirigida mundialmente por um novo “leão”, ou seja, por Léon Denis, o sucessor de Léon Denizard, na direção espiritual e intelectual do movimento doutrinário.

O Espiritismo é, hoje, uma doutrina vitoriosa. No terreno da religião, impôs-se mundialmente como uma religião de bases científicas e, portanto, racionais, que não se apóia em dogmas metafísicos, mas em princípios demonstráveis. No terreno da ciência, apesar do materialismo dominante nos meios científicos, impôs a realidade dos fenômenos em que se apóia e determinou o aparecimento de disciplinas importantes, como a Metapsíquica, de Charles Richet, e a Parapsicologia, de Joseph Rhine, hoje admitidas nos currículos universitários. Com o natural desenvolvimento dos estudos parapsicológicos ou, ainda, da chamada Ciência Psíquica Inglesa, de que o prof. H. Price, de Oxford, é um dos expoentes na Inglaterra, e o prof. Bjorkhem, de Upsala, um sério investigador na Suécia, os princípios espíritas serão reconhecidos dentro de alguns anos pelos meios científicos mais adiantados. E Kardec, então, terá o reconhecimento que o mundo lhe deve, pelo muito que fez em favor da libertação espiritual do homem e da evolução do nosso planeta.

30. Conquista de Marte

O problema da conquista de outros planetas, pelo homem, depende da nossa maneira de encarar o Universo. Se pensarmos que os “corpos celestes” são divinos, como pensavam os antigos, tudo se complica. Mas se pensarmos, segundo ensina o Espiritismo, que a Terra é um corpo celeste como qualquer outro, a questão se reduz às possibilidades materiais de aproximação e pouso de nossos instrumentos nos outros planetas. Não há limites para o homem no Universo, a não ser os determinados pelo seu grau de evolução. O homem da Terra, nas condições físicas do nosso planeta, só pode atingir outro mundo que esteja no mesmo plano material do nosso.

O Espiritismo ensina que há diferentes graus de densidade física na constituição dos mundos. Os Espíritos disseram a Kardec que o planeta Júpiter, por exemplo, apesar de pertencer ao nosso plano material, tem uma constituição mais sutil que a nossa. As investigações astronômicas atuais parecem confirmar, de certa maneira, essa indicação. Se assim for, é evidente que uma nave espacial terrena terá dificuldades ou estará impossibilitada de pousar em Júpiter. Estamos diante de um limite para as nossas ambições, mas esse limite poderá ser superado pela nossa evolução no futuro.

A teoria espírita da pluralidade dos mundos habitados é bastante coerente e concorda com as teorias científicas sobre a diversidade dos “estados” da matéria no Cosmos. Nenhum cientista, jamais, tentaria enviar criaturas humanas para um mundo em estado gasoso ou de ignição. Marte é considerado de constituição física semelhante à da Terra, como Vênus. Mas Vênus se torna inacessível, em virtude de suas condições atmosféricas e de suas extremas variações de calor. O homem pode atingir Vênus e pousar no planeta, mas não suportaria o seu “clima”. Em Marte, ao que parece, as coisas podem ser diferentes.

No tocante à condição evolutiva de Marte, se é inferior ou superior à da Terra, é questão que o Espiritismo não resolve doutrinariamente. Kardec refere-se a teorias transmitidas por certos espíritos e que ele considerava lógicas, aceitáveis. Mas sempre acentuou que não passavam de teorias e acrescentou que o Espiritismo não deve ir além dos seus objetivos, que são espirituais e não materiais. Basta ler com atenção os textos a respeito para que o assunto se esclareça. Aliás, Kardec advertiu que não devemos tratar com os espíritos de assuntos que estejam fora dos objetivos conceptuais e moralizadores do Espiritismo.

31.

Desenvolve-se a ciência positiva nos rumos da concepção espiritual

Explicação da atitude materialista - A teimosia teológica da Idade Média e a teimosia científica de hoje – O espírito é a meta natural do desenvolvimento científico.

“A comprovação científica dos fenômenos espíritas parece cada vez mais difícil, pois a ciência moderna tende cada vez mais a encarar esses fenômenos como de origem puramente material. Sempre que tenho a oportunidade de conversar sobre Espiritismo com uma pessoa dotada de cultura científica, sinto-me desolado com a série de argumentos de que essas pessoas se utilizam, para negar a possibilidade da sobrevivência. Não sei como o sr. pode alimentar tanta esperança na espiritualização da ciência”.

De fato, a obstinação materialista dos nossos meios culturais é qualquer coisa de espantar. Não passa, entretanto, de uma teimosia facilmente explicável por uma lei descoberta pela própria ciência moderna: a lei da inércia. Ao findar-se a Idade Média, ocorria fenômeno semelhante, mas em sentido contrário. Os homens avançados, que defendiam a experiência científica contra o dogmatismo eclesiástico, sentiam-se poucos e fracos, diante da avalanche de crentes e fanáticos dos meios culturais. Foi dificilmente que a mentalidade científica se impôs, vencendo a teimosia teológica.

O que hoje se verifica, não é mais do que a resistência da teimosia científica. Tendo se acostumado a pensar de maneira “positiva”, os homens não conseguem afastar-se dessa maneira, senão a muito custo. Poderíamos dizer, sem intuito ofensivo, mas apenas para maior exemplificação: “empacaram”. Para tirá-los dessa nova posição é necessário que empreguemos o fogo e a paciência, como fazem os tropeiros. O fogo está aceso: as labaredas da evidência brilham por toda a parte, nos fatos inexplicáveis. Quanto à paciência, é o que precisamos ter.

A reviravolta não será tão difícil, apesar de tudo. Assim como a mentalidade teológica, cultivada durante um milênio, cedeu aos golpes racionais da Renascença, assim também a mentalidade materialista cederá, queira ou não queira, aos golpes de evidência dos fatos espíritas e aos raios de luz da doutrina espírita. Por mais poderosa que seja uma fortaleza, quando arrombamos suas portas, ela está prestes a cair. Por mais sólida que se apresente uma muralha, se lhe minamos o alicerce, ela fatalmente virá abaixo. E, no caso da mentalidade materialista dominante na ciência, o curioso é que ela mesma já abriu suas portas à realidade espiritual, ela mesma se incumbiu de minar os próprios alicerces.

Por mais que os materialistas argumentem de “maneira científica”, há sempre um fundo movediço nessa argumentação. Para começar, a ciência mais positiva se baseia numa crença, numa fé. E esta fé é tão indemonstrável, do ponto de vista científico, como a fé religiosa. Todo o edifício da ciência repousa no dogma da ordem universal, equivalente “positivo” do dogma metafísico da existência de Deus. Por outro lado, a negação do espírito é sempre uma fuga à realidade, alegando os materialistas que a ciência explicará, mais tarde, o que hoje não pode explicar. Atitude semelhante ao do comerciante que diz: “Fiado, só amanhã”.

Basta analisar estas coisas, para compreendermos que a espiritualização da ciência é tão inevitável quanto o seu próprio desenvolvimento. É graças a esse desenvolvimento que ela chegará ao espírito, porque sendo o espírito a realidade última, é a meta natural do progresso científico. Os Espíritos disseram isso a Kardec há um século. E a previsão dos Espíritos vem se cumprindo de maneira inegável em nosso século, quando vemos a ciência obrigada a recorrer a um conceito energético do cosmos, diante da desagregação da matéria, que se desfaz nas mãos dos cientistas como um floco de neve. Que farão eles, daqui a pouco?

32.

Por um homem veio a ressurreição

A ressurreição de Jesus, que é hoje celebrada no mundo cristão, foi sempre considerada, pelos céticos e materialistas, como uma lenda de origem mitológica. Mas, o apóstolo Paulo, na sua epístola aos coríntios, colocou o problema em termos naturais. Jesus não ressuscitou de maneira excepcional, gozando de um privilégio divino, mas de maneira natural, obedecendo à Lei da ressurreição, que preside a todas as mortes na Terra.

Entre as várias afirmações de Paulo, nesse sentido, que encontramos na referida epístola, destaca-se a seguinte, por seu sentido simbólico: “Visto que a morte veio por um homem, também por um homem veio a ressurreição dos mortos” (Capítulo 15, versículo 21). Paulo se refere a Adão, que na simbologia bíblica deu à espécie humana a morte pelo pecado e a morte corporal. No início, temos Adão, que nos deu a morte, mas no fim, temos outro homem, Jesus Cristo, que nos traz a ressurreição.

Este sentido universal da ressurreição não foi compreendido pelas religiões cristãs. Todas elas se confundiram com a idéia do juízo final e firmaram o dogma da ressurreição do corpo. Nesse caso, a ressurreição de Jesus se tornava uma exceção, um fato sobrenatural. Paulo percebia essa confusão no seu tempo e já advertia, como vemos nos versículos 35 a 49, do capítulo citado: “Insensatos! O que semeias não nasce, se primeiro não morrer!” Explica, então, a parábola do grão de trigo, declarando taxativamente no versículo 42: “Pois assim, também, é a ressurreição dos mortos. Semeia-se o corpo na corrupção, ressuscita na incorrupção”. E, logo mais, no versículo 44, esclarece: “Semeia-se o corpo natural, ressuscita o corpo espiritual. Se há corpo natural, há também espiritual”.

Este ensino de Paulo já havia sido dado por Jesus, mas ninguém o entendera. Só depois de dezoito séculos e meio o Espiritismo viria restabelecer a verdade ao ensinar que temos outro corpo, o perispírito, corpo do espírito que, segundo Paulo,

é o corpo da ressurreição. Morremos, nosso corpo carnal é enterrado, mas ressuscitamos, a seguir, no corpo espiritual. Jesus ensinou essa lei natural por duas maneiras: explicando-a oralmente e, dando mais tarde o exemplo vivo da sua morte e ressurreição. Hoje, os próprios materialistas, através da Ciência, estão verificando essa verdade. Ainda agora, como noticiamos neste programa, os cientistas russos descobriram e puderam ver, através de lentes especiais, o corpo espiritual do homem, a que deram o nome de corpo bioplásmico. Os Tomés modernos da Ciência vão tocar as chagas da Verdade. Resta ver se os Tomés das religiões cristãs farão o mesmo ou continuarão presos aos seus dogmas.

A Páscoa é a Páscoa da Ressurreição Universal. Assim, como a morte veio por Adão, a ressurreição veio por Jesus. Dois homens – não mitos nem deuses – dois homens de carne e osso, colocados no princípio e no fim da Revelação, proclamam nas Escrituras a verdade espírita que outro homem, Kardec, anunciou aos tempos modernos: “Nascer, viver, morrer, renascer ainda e progredir sempre, essa é a lei!”

33.

Duas meninas responderam às perguntas do professor

**E das respostas surgiu a bíblia de uma nova revelação
– Os espíritos escreviam por meio de uma cestinha,
com um lápis adaptado – As meninas Boudin e o Espiritismo.**

Duas meninas, Julie e Caroline Boudin, de 14 e 16 anos de idade, respectivamente, foram as médiuns de que o prof. Denizard Rivail se serviu para elaborar a obra que publicaria com o título de *O Livro dos Espíritos*, sob o pseudônimo de Allan Kardec. Mas, o mais curioso é que essas meninas não trabalharam como médiuns escreventes, no sentido que hoje atribuímos a essas palavras. Trabalharam, antes, como médiuns de efeitos físicos, pois não eram elas que escreviam, mas a cesta-de-bico, sobre a qual tão-somente colocavam as mãos.

Os fenômenos espíritas tinham invadido o mundo, para sacudi-lo do torpor materialista em que ele mergulhava. As mesas girantes haviam-se transformado num passa-tempo habitual das rodas sociais. Ninguém atribuía grande importância a um fenômeno corriqueiro, a uma simples distração. Mas o prof. Denizard Rivail era um espírito sério, investigador, acostumado a procurar sempre o fundo das coisas, não se contentando apenas com as aparências. Depois de se interessar pelo problema das mesas girantes, passou a freqüentar o lar da família Boudin, onde as duas meninas serviam de médiuns, nas reuniões que se faziam. Sua presença modificou o teor das reuniões que, de brincalhonas e galhofeiras, passaram a um elevado grau de seriedade.

O prof. Rivail comparecia às sessões com perguntas anotadas, que ia propondo aos espíritos. E estes, por meio da cesta-de-bico, passavam a respondê-las. Perguntas sobre filosofia, teologia, cosmologia, psicologia, ética, biologia. As respostas eram lacônicas e precisas. Revelavam a capacidade e a elevação intelectual de quem as dava. As meninas não poderiam respondê-

las, em hipótese alguma, pois não tinham maturidade mental para tanto e, muito menos, a cultura suficiente. O prof. Rivail não aceitava pura e simplesmente as respostas, mas gostava de examiná-las, refutá-las, debatê-las com os seus interlocutores invisíveis. Estes, por sua vez, incentivavam-no à discussão. Queriam que os assuntos fossem, realmente, esclarecidos.

Pensemos um pouco na grandeza e no mistério desta cena: um dos homens mais cultos do século passado, médico⁶ e pedagogo, na sala de reuniões da família Boudin, interpelando uma pequena cesta-de-bico, presa ao alto por um cordel, e que se movia escrevendo, sob a suave pressão das mãos de duas meninas em transe. Lembremo-nos de que as respostas dadas pela cesta iriam constituir a obra fundamental do Espiritismo, um dos livros mais combatidos e discutidos do mundo, mas, cuja estrutura doutrinária permanece intacta através dos anos. Lembremo-nos ainda de que muitos dos princípios desse livro, antes criticados pelos doutos, já são hoje aceitos pela ciência. E, então, compreenderemos a importância das reuniões mediúnicas da família Boudin.

Mas, não foi apenas com as duas meninas que o prof. Rivail trabalhou, na preparação da sua obra. Mais tarde, outra menina, a srta. Japhet, também serviu-lhe de médium. E, além disso, a conselho dos próprios espíritos, o prof. Rivail submeteu as respostas à verificação de outros médiuns, controlando-as, sempre, com o maior rigor. Muitas respostas contrariavam as suas opiniões. O professor as discutia com os espíritos, examinava os argumentos contrários e só as admitia ao ver-se vencido no campo raso da lógica. O livro foi escrito, assim, por meio de ditado dos Espíritos Superiores, através de médiuns da mais admirável pureza, e sob o rigoroso controle do bom senso e da cultura do prof. Rivail.

Esse livro, que encerra a Doutrina dos Espíritos, completou cento e dois anos de sua publicação, a 18 do corrente⁷. No mundo inteiro, os espíritas comemoraram a efeméride. Em São Paulo, o Clube dos Jornalistas Espíritas promoveu uma semana de conferências a respeito, com a participação de oradores do Rio e Niterói, como Pereira Guedes e Carlos Imbassahy.

Publicado, há um século, a 18 de abril de 1857, *O Livro dos Espíritos* antecipou muitas conquistas do pensamento que já agora estão realizadas, mas antecipou ainda outras que, somente mais tarde conseguiremos atingir. Felizes os que podem viver no futuro, compreendendo e amando esse grande livro, mensagem de amor do mundo espiritual às criaturas terrenas.

34.

Uma fábula do III Milênio divulgada no meio espírita

Desejávamos iniciar, hoje, a série de estudos bíblicos⁸ que prometemos domingo passado. Mas um problema urgente nos obriga a protelar esse início. Precisamos, a instâncias de confrades que sentem, nas suas próprias instituições, a influência negativa de mais um livro pseudo-espírita, enfrentar esse problema. E à maneira do que já fizemos com os livros de Ramatis, aqui estamos para advertir aos confrades contra uma obra de mistificação mediúnica, que vem se infiltrando em nosso meio. A opinião a respeito não é apenas nossa. Como no caso de Ramatis, esse livro foi analisado por outros confrades, de maneira criteriosa. A opinião desses irmãos coincide com a nossa.

Trata-se do livro *O Terceiro Milênio*, psicografado por Aiçor Fayad, atribuído ao espírito de Irmão X, e lançado pela Editora Nova Era, desta capital. Desde o prefácio, estamos diante da mistificação. Não é André Luiz quem o apresenta, mas um “pseudo-André Luiz”. A seguir, temos uma seqüência de profecias ingênuas, tipo de ficção científica, em estilo trágico, a que sucede a descrição de um utópico paraíso terreno. Uma espécie de apocalipse moderno, com a destruição total da civilização, a volta do homem à vida primitiva e o aparecimento da Jerusalém Celeste. O Brasil figura como o país eleito, substituindo a nação eleita dos antigos judeus.

É tudo tão ingênuo, nesse livro, que pode parecer inofensivo. Mas não é. Os lobos vestem peles de ovelha, para se aproximarem do rebanho incauto. Sua finalidade, como a dos livros de Ramatis, de Roustaing, de Osvaldo Polidoro e outros que circulam no meio espírita, é ridicularizar a Doutrina e afastar os confrades do estudo sério. Já no Cristianismo Primitivo foi assim. Podemos lembrar a advertência de Paulo em suas epístolas, contra o esquecimento do Evangelho para a aceitação de fábulas, de utopias, de mentiras fascinantes.

Lembremos, ainda, a advertência de Kardec, no item 306 de *O Livro dos Médiuns*, quanto ao interesse pessoal que leva os médiuns a servirem de instrumentos para a mistificação. Não é apenas o interesse do dinheiro, do ganho material, mas, também, o da vaidade pessoal, que transforma bons médiuns em mistificadores. Tenhamos cuidado com as obras mediúnicas. Há muita moeda falsa circulando como boa, pagando muito incenso para médiuns jactanciosos, em prejuízo da Doutrina.

35. O que é divinismo

Um grupo de espíritas paulistanos, resolveu fundar o Espiritismo Divinista. Se fundassem apenas o Divinismo, não teríamos nada com isso. O Espiritismo reconhece a todas as criaturas humanas o direito de pensar como quiserem. Mas o Espiritismo também tem o seu direito, que deve ser respeitado. A palavra Espiritismo tem uma significação própria. Foi criada por Allan Kardec para designar a Doutrina dos Espíritos (que não era dele, Kardec) e essa doutrina é a que está em *O Livro dos Espíritos*. Os que discordam desse livro, discordando dos Espíritos que o ditaram e, portanto, do Espiritismo, não são espíritas e não podem usar a palavra Espiritismo para a nova doutrina que pretendem criar.

Segundo afirmam os teóricos da nova doutrina, o Espiritismo Divinista é o contrário do Espiritismo. Porque, ao invés de ser uma Doutrina dos Espíritos, é uma Doutrina de Deus, que vem diretamente do Pai Supremo para o seu profeta Osvaldo Polidoro. Esse profeta, por sua vez, se afirma reencarnação de Kardec e ameaça publicar um livro mostrando “centenas de mancadas” da sua encarnação anterior. Como Kardec não se dizia ministro de Deus na Terra, e preferia ouvir os Espíritos Superiores, as “mancadas” de Kardec são, também, desses espíritos. O mais estranho é que Deus venha agora condenar os seus mensageiros do século passado, que são os Espíritos Superiores, por terem dado aos homens uma doutrina que, segundo os divinistas, não é divina.

Aplica-se ao Divinismo a conhecida frase islâmica, assim traduzida: “Deus é o único e Polidoro é o seu profeta”. Mas acontece que esse Deus único só foi até hoje explicado aos homens pelo *Livro dos Espíritos*. E vemos nesse livro que Deus não fala diretamente aos homens, porque estes não têm capacidade para ouvi-lo. Deus fala pelos seus verdadeiros ministros, que são os Espíritos Superiores. Estes Espíritos, por sua vez, usam uma linguagem serena e elevada, muito diferente

do linguajar grosseiro e agressivo dos falsos profetas, quer da Terra, quer da Erraticidade. Assim, não é possível admitir-se a divindade dos divinistas.

Devemos, ainda, assinalar que Kardec explicou bem claramente o seguinte: A Revelação Espírita é, ao mesmo tempo, divina e humana. É divina porque provém dos Espíritos e é humana porque foi elaborada pelos homens. Basta uma leitura do primeiro capítulo de *O Evangelho segundo o Espiritismo* e o primeiro capítulo de *A Gênese* para que todo esse problema seja esclarecido. Os divinistas, não tendo lido nenhum deles, acusam o Espiritismo de simplesmente humano e pretendem ser os novos arautos da Divindade na Terra. Simples falta de conhecimento do Espiritismo e de um pouco de humanidade para afastar a fascinação das trevas.

As revelações divinas, dadas por um determinado profeta, num país, e para um determinado povo, pertencem ao passado. Kardec esclareceu que a Revelação Espírita veio no momento em que a Humanidade amadureceu para compreender a verdade espiritual, encerrada nas alegorias do passado. Amadurecendo intelectualmente, a Humanidade fez, através das Ciências terrenas, a descoberta das leis de Deus na matéria. Essa é uma revelação humana.

O Espiritismo é a síntese dessas duas formas de revelação. Mas os divinistas querem voltar ao passado e fazer de Polidoro um novo profeta individual, portador de uma nova revelação pessoal e local. Como se vê, o Divinismo, se conseguisse pegar, representaria uma volta da Humanidade aos tempos obscurantistas do “Crê ou morre”. Precisamos compreender isso e orar pelos divinistas e pelo seu profeta.

36.

Kardec e a ciência espírita

O Espiritismo, como religião, é uma conseqüência da Ciência Espírita. A III Revelação não nasceu da pregação de um messias ou profeta, mas da pesquisa científica dos fenômenos mediúnicos. Provada a sobrevivência da alma após a morte – cientificamente provada por Kardec e pelos grandes cientistas do século passado e deste século, que se interessaram pelo assunto – o problema espiritual escapou das mãos dos teólogos e dos místicos, do campo religioso tradicional. Por isso, Kardec se recusou a chamar o Espiritismo de religião e o chamou de *auxiliar das religiões*, porque era a Ciência do Espírito que surgiu para explicar e esclarecer os supostos mistérios, do suposto mundo sobrenatural das religiões.

Quem não compreender isso não está apto a ensinar Espiritismo a ninguém. O beato espírita não é espírita, pois não conhece a doutrina e não estuda, não se liberta das superstições e dos erros do seu passado religioso. Pela sua crença ingênua, está sujeito a servir de instrumento a qualquer espírito mistificado e se apresentar como mestre, missionário, reencarnação de Kardec e outras tolices dessa ordem.

Os reformadores da doutrina, encarnados e desencarnados, nada mais são do que indivíduos pretensiosos, extremamente vaidosos, que se deixaram levar por espíritos trevosos, empenhados em semear joio na seara.

Nosso meio espírita está cheio de criaturas de boa vontade, ingênuas e bondosas, mas, nem por isso, livres da vaidade. Como Kardec demonstrou, já no seu tempo, esses elementos, quando se fanatizam, fazem mais mal ao Espiritismo do que os adversários da doutrina. Porque a ridicularizam, reduzem o Espiritismo a uma seita de beatos ignorantes.

O Espiritismo não é doutrina feita para sábios, mas para todos os que tenham um pouco de bom senso e de humildade. Os sábios também estão sujeitos à mistificação, pois há mistificadores sábios nas trevas, e muitos doutores andam por aí

a pregar tolices em nome de um suposto progresso do Espiritismo, de sua suposta atualização. Ninguém é professor de Espiritismo. Todos somos aprendizes, todos. E, geralmente, maus aprendizes que, quando pretendem ensinar, deturpam a doutrina.

As obras de Kardec são a única fonte verdadeira do saber espírita. Quem não ler e estudar essas obras com humildade e vontade legítima de aprender, não conhece o Espiritismo. Os que realmente estudam e compreendem a doutrina sentem-se humildes diante da sua grandeza e não pretendem passar por mestres. São colegas mais aplicados que apenas se esforçam para ajudar os companheiros de escola no aprendizado necessário. A obra de Kardec ainda não foi suficientemente estudada. A maioria dos espíritas estudiosos não conseguiu ainda penetrar na essência dessa obra, que não foi escrita para um século, mas, para muitos séculos. Infeliz daquele que pretende ser o mestre de todos. Na verdade, é o cego do Evangelho que conduz outros cegos ao barranco. Precisamos ter muito cuidado para não entrarmos nessas filas de cegos ou nos colocarmos na posição ridícula de cego a guiar cegos.

Basta lembrarmos que a Ciência Espírita só apareceu depois do desenvolvimento das outras Ciências, para termos uma idéia da sua complexidade. Só agora os físicos, químicos, biólogos, botânicos, psicólogos, sociólogos e parapsicólogos estão descobrindo que os seus enganos já foram percebidos por Kardec, há mais de um século. Precisamos pensar nisso quando lermos um artigo ou um livro de pretensos mestres que se dizem descobridores da pólvora. Como disse Kardec, um grande sábio pode conhecer muito da sua especialidade, mas é ignorante em Espiritismo. Porque só agora as Ciências estão começando a entrar no estudo e na pesquisa dos fenômenos espíritas e, assim mesmo, com muitos preconceitos.

Da Ciência Espírita nasceu a Filosofia Espírita. E, desta, nasceu a Religião Espírita. Isto foi bem ensinado por Kardec, mas os próprios espíritas ainda não entenderam o ensino, o que mostra o quanto ainda estamos longe da apregoada superação de Kardec. Como em todas as Ciências, na Ciência Espírita a

primeira condição para aprendê-la é a humildade. Não se trata da humildade religiosa, que nos leva a tudo aceitar de cabeça baixa, para obtermos a glória eterna (o que revela contradição dessa humildade egoísta e ambiciosa), mas, da humildade honesta da criatura que conhece os seus limites e não quer passar de pato a ganso. O maior exemplo de estudo sério e humilde do Espiritismo nos foi dado por Kardec. Ele era um sábio – filósofo, pedagogo, médico, mestre em Ciências, diretor de estudos na Universidade da França, com suas obras adotadas por essa Universidade, continuador da Pedagogia de Pestalozzi, pesquisador científico, conhecido pela sua prudência e rigor metodológico, louvado pelos sábios do seu tempo e, com tudo isso, entregou-se ao trabalho espírita com a modéstia socrática de simples aprendiz, de homem que buscava o saber, sabendo que nada sabia. Não lutava para conquistar as glórias terrenas, nem a glória eterna, mas para esclarecer os problemas que até hoje aturdem os homens em todo o mundo. Substituiu o seu próprio nome, de família ilustre e famosa, pelo pseudônimo de Allan Kardec, nome de um druida desconhecido, que vivera no mundo celta. Viveu e morreu na pobreza, caluniado e insultado, respondendo sempre aos seus agressores gratuitos com palavras de esclarecimento e convites ao estudo e à pesquisa em favor da Humanidade. Que diferença entre ele e os seus pretensos reformadores, desde o pobre Roustaing do seu tempo, até os da atualidade, que, mais do que nunca, precisam ler e estudar as suas obras!

37.

Estudos históricos desautorizam confusões entre magia e Espiritismo

Não existe o chamado “baixo espiritismo”, simples fenômeno de aculturação, a que a doutrina está alheia - Séculos de distância entre as práticas de macumba e o aparecimento do Espiritismo.

A facilidade com que certas pessoas, dotadas de elevada cultura, e até mesmo órgãos da nossa imprensa, confundem o Espiritismo com práticas de magia primitiva, ou de macumba, é simplesmente de estarrecer. Qualquer pessoa que quiser estudar, com seriedade e isenção de ânimo, uma e outra coisa, chegará fatalmente à conclusão de que as práticas de macumba nada têm com o Espiritismo. Basta dizer que o Espiritismo é uma doutrina moderna, que surgiu na França em meados do século passado, e que as práticas de magia primitiva datam de todos os tempos, entre todos os povos, para se compreender o absurdo da confusão que se costuma fazer.

Aquilo que entre nós se chama macumba, e que alguns chegam mesmo a classificar de “baixo-espiritismo”, nada tem a ver com a doutrina espírita. Quem se der ao trabalho de abrir um livro de estudo sociológico, sobre o problema da macumba, verá que esta nada mais é do que uma mistura das credences dos negros africanos com a religião católica. Um dos estudos mais recente, a respeito, é o livro do prof. Aurélio Valente, *Sincretismo Religioso Afro-brasileiro*, publicado pela Cia. Editorial Nacional. Todo o processo do sincretismo, da mistura de ritos africanos e ritos católicos, de deuses negros com os santos da igreja, é ali exposto de maneira precisa. Não obstante, o prof. Aurélio Valente, como outros estudiosos, também se refere ao Espiritismo, porque atribui esse nome aos processos mediúnicos dos negros.

A confusão, como se vê, tem raízes na incompreensão do que seja Espiritismo, que não é o fenômeno mediúnico, mas toda

uma doutrina filosófica, de bases científicas e conseqüências religiosas. Nossos sociólogos também cometem esse erro, por desconhecerem o Espiritismo. Mas vamos aos fatos históricos, e veremos que não há razão para tais confusões. A macumba apareceu no Brasil como o início do processo de aculturação, resultante da vinda dos primeiros escravos negros, ainda no século dezesseis. E, somente em meados do século dezenove, exatamente a 18 de abril de 1857, surgiu, na França, a doutrina espírita, com a publicação de *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec. Nem mesmo a palavra “Espiritismo” existia antes disso. Foi Kardec que a criou, para designar a nova doutrina, por ele codificada.

Não é possível, como se vê, atribuir qualquer responsabilidade ao Espiritismo, no aparecimento e no desenvolvimento das práticas de macumba em nosso país. Nem é admissível chamar-se “baixo-espiritismo” um processo que não tem nenhuma relação histórica com o Espiritismo. Os primeiros núcleos espíritas surgiram no Brasil nos fins do século passado, quando as práticas de macumba já estavam disseminadas pelo país, e a transformação semântica das palavras “umbanda” e “quimbanda” já começava a realizar-se, para substituir a palavra “macumba”, também semanticamente transformada.

A relação que se pretende estabelecer entre as práticas afro-católicas e o Espiritismo decorre do fenômeno mediúnico, ou seja, da manifestação de espíritos. Mas, ainda aqui, é preciso distinguir. O que existe naquelas práticas é o fenômeno mediúnico primitivo. No Espiritismo, esse fenômeno é aproveitado racionalmente e orientado através de um método. O mesmo se dá na medicina, em que recursos aplicados pelos índios, pelos negros africanos ou pelo homem do povo, na cura de certas doenças, são aproveitados cientificamente. É necessário, pois, que as pessoas cultas procurem compreender a distinção existente entre Espiritismo e práticas primitivas, para evitarem o erro de misturar alhos com bugalhos, uma doutrina moderna com os fenômenos naturais por ela estudados e interpretados.

38.

A última vitória

O apóstolo Paulo afirmou que a última vitória cristã seria sobre a morte. O Cristianismo desencadeou no mundo a luta contra o mistério e o sobrenatural da era mitológica. Apoiado na concepção monoteísta dos judeus (foi por isso que Jesus nasceu judeu) e, ao mesmo tempo, no espírito prático desse povo, o estranho rabi Galileu iniciou a maior e a mais profunda revolução da História. Era evidente que os homens não poderiam compreender de imediato a sua posição e o interpretaram como mito e mago. Apesar dessa deformação inevitável, que marcou os próprios Evangelhos, os historiadores leigos do Cristianismo, desde Renan até Guignebert, em nossos dias, puderam restabelecer a sua figura e o seu pensamento.

Coube a Lutero desencadear, na linha ideológica de Erasmo de Roterdã, a luta pelo restabelecimento da verdade cristã. E coube a Kardec recolocar a verdade evangélica acima da nova mitologia criada pelas igrejas cristãs. Na introdução de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, vemos Kardec dividir o texto dos Evangelhos em cinco partes, deixando quatro de lado e aceitando apenas uma como essencial. Com essa operação metodológica pôde Kardec arrancar o joio para oferecer-nos o trigo livre de impurezas. Esse trigo é o fruto da sementeira racional de Jesus, que mesmo os espíritas ainda não compreenderam.

Vejamos os elementos que caracterizam o racionalismo de Jesus, em oposição fragrante ao irracionalismo religioso:

- transformação do vingativo e exclusivista Iavé ou Jeová, dos judeus, no Deus-Pai de todas as criaturas;
- rejeição ao código de leis do sacerdócio judaico;
- repúdio absoluto aos privilégios do sacerdócio e das classes dominantes de Israel;
- condenação do conceito sociocêntrico de pureza parcial;
- repúdio à hipocrisia oficializada pela lei da moral vigente;

- explicação racional dos mistérios, inclusive do mistério da morte;
- prova objetiva da sobrevivência humana além do túmulo;
- superação do conceito de milagre e revelação dos poderes espirituais do homem, como faculdades humanas naturais.

Esse quadro é suficiente para provar a posição antimitológica de Jesus e, portanto, do Cristianismo. Essa posição iria permitir a mistura dos princípios cristãos com o racionalismo grego e o juridismo romano (ou seja, com a cultura clássica) durante o milênio sombrio da Idade Média, que resultaria no advento da Idade da Razão com o Renascimento, favorecendo, apesar da oposição mística e mitológica das próprias igrejas cristãs, o desenvolvimento das Ciências.

A oposição irracional das igrejas criaria o conflito entre a Ciência e a Religião no mundo moderno, mas o desenvolvimento científico permitiria o aparecimento do Espiritismo e, com ele, a recuperação do Cristianismo em sua inegável natureza racional. Por isso, o Espiritismo surgiu como Ciência e não como Religião, mas firmado na tradição cristã. As conseqüências morais do Espiritismo, acentuadas por Kardec, abririam perspectivas para a união futura da Ciência com a Religião, como aconteceu no século passado, permitindo as aproximações que hoje se verificam em ritmo acelerado. O preconceito contra o Espiritismo, ainda hoje dominante nas áreas científicas, vai sendo destruído pelos próprios avanços científicos da atualidade. O plano de unificação das áreas dispersas do Conhecimento, feito a longo prazo por Jesus, está prestes a consumir-se.

Nessa admirável seqüência histórica (que só os cegos de entendimento não vêem), a Ciência Espírita aparece em posição de vanguarda, abrindo caminho para a última vitória referida pelo apóstolo Paulo, que é a vitória sobre a morte. As últimas conquistas da Física, da Biologia, da Antropologia, da Astronomia e da Astronáutica, para só citarmos essas ciências – e em particular da Psicologia em sua projeção parapsicológica – rompem a barreira da concepção sensorial do Universo e eliminam o equívoco da contradição materialismo X

espiritualismo. A Ciência Espírita, como a pedra rejeitada da parábola evangélica, é o grande e surpreendente esquema sobre o qual se desenvolve todo o avanço das Ciências, em nosso tempo, à revelia da lamentável ignorância dos cientistas a seu respeito. Essa ignorância é até mesmo benéfica à realização total do grande plano divino.

Se os cientistas tivessem consciência de estar pisando em terreno preparado pela previsão cristã, certamente procurariam fugir ao esquema ou, pelo menos, retardar as suas conquistas, tal é o poder do preconceito na vaidade e no orgulho do homem. Mas, talvez, já seja tarde para isso. As descobertas atuais são tão fascinantes que nada mais poderá deter o desbravamento da *selva obscura* dos mistérios em que se embrenhou a mente opiniática da Humanidade. Cabe aos espíritas compreenderem isso e dedicarem-se a fundo ao estudo da doutrina tríplice, evitando os desvios e desfigurações do Espiritismo, gerados pela ignorância vaidosa de adeptos, ilustrados ou não.

39.

A hora H do Espiritismo

Após um século de propagação difícil em todo o mundo, a partir da França, sob a condenação veemente e simultânea da Ciência, da Filosofia e da Religião, o Espiritismo atinge, em nossos dias, um momento difícil. As mentiras e calúnias lançadas sobre ele criaram uma imagem falsa da Doutrina, que estranhamente predominou nos meios culturais. Até hoje, apesar da gigantesca bibliografia científica espírita existente no mundo, firmada pelos mais altos expoentes da Ciência do século passado e deste século, é comum encontrarmos homens de cultura, e inegável inteligência, que se deixam impressionar pelos seus detratores interesseiros ou ignorantes. Esses homens descem facilmente da sua posição intelectual para se colocarem ao nível das massas de fanáticos que vêm no Espiritismo a obra-prima do Anticristo e de Satanás.

A luta contra o Espiritismo é o campo do vale-tudo. Em matéria de arte, ciência, literatura ou filosofia, as pessoas têm medo de dizer ou escrever tolices, pois isso as diminuiria no conceito público. Mas, quando se trata de Espiritismo, não se pejam de empregar asneiras à vontade. Encontram, por assim dizer, a porta aberta para o desabafo. Sentem-se livres para dizer todas as tolices e asneiras que não poderiam ser ditas ou escritas em outros campos. De nada valem os nomes honrados dos grandes sábios, que são considerados simplesmente como esclerosados ou beócios, facilmente iludidos por trapaceiros vulgares. Como dizia Kardec, os sábios são sábios enquanto não tratam das questões espíritas. Mexendo nessas questões, tornam-se imbecis.

As antigas pesquisas parapsicológicas alemãs, das Ciências Psíquicas anglo-saxônicas, da Psicobiofísica, da Metapsíquica de Richet ou da Parapsicologia atual, são todas levemente lançadas no rol da ingenuidade dos pesquisadores, ou da patifaria dos médiuns. Até mesmo os físicos e biólogos soviéticos, que tiveram a audácia de provar a existência do corpo espiritual do

homem, com a expressiva designação científica de corpo bioplásmico, são reduzidas a puro engano de amadores, desqualificando-se, assim, os atrevidos investigadores. Nesse clima de asfixia da verdade, o Espiritismo devia ter morrido, mas não morreu. Pelo contrário, robusteceu-se vigorosamente pela comprovação dos seus princípios, no próprio campo materialista.

Apesar de tudo isso, e de muito mais que seria longo enumerar, o Espiritismo cresceu de tal maneira que enfrenta, hoje, situações perigosas. Como toda doutrina que se expande, está ameaçado de deturpações, revides arbitrários e desrespeitosos, adulterações, infiltrações de doutrinas estranhas e ultrapassadas. A grande propagação popular criou um campo fértil para exploração dos aventureiros, ansiosos por firmarem a sua reputação de grandes entendidos do assunto, grandes médiuns e oradores de tipo anacrônico. Formou-se uma falsa elite cultural espírita, que se arroga o direito de reformular conceitos, revisar princípios e, até mesmo, alterar textos clássicos da bibliografia doutrinária. Atrás dos pavoneantes mestres e reformadores, formam-se as filas de candidatos ingênuos ao Reino dos Céus, que tudo aceitam de olhos fechados e mãos postas. É a hora do perigo, em que as mais elevadas doutrinas podem ser transformadas em mistifórios grosseiros.

O trabalho real, que teria de ser feito, ninguém faz, por falta de capacidade e excesso de preguiça mental. E, quando alguém resolve iniciar alguma coisa, no desenvolvimento consciente, respeitoso, da obra fundamental de Kardec, nas bases da cultura atual, as escolinhas ou igrejazinhas dos falsos iluminados se conjugam na repulsa ao trabalho cultural, em defesa da cômoda ignorância em que podem semear as suas tolices e cultivar as suas pretensões vaidosas. Vale mais, para a maioria dos adeptos, a suposta descoberta de novos métodos de passes e curas miraculosas, do que um estudo sério e esclarecedor da própria estrutura da Doutrina e de sua posição cultural. As pessoas cultas que percebem isso temem a turba dos fanáticos e preferem resguardar o seu prestígio ao invés de lutar contra o aviltamento doutrinário. Daí o silêncio da maioria dos líderes na hora da

adulteração, que rompeu a falsa aparência de unidade e coerência do movimento espírita brasileiro.

As obras de assistência social atraem as contribuições generosas, em prejuízo das obras culturais. A ajuda ao próximo só é interpretada em sentido material. A cultura perece e os charlatães se divertem deslumbrando os basbaques. ninguém se lembra de que estamos numa fase de grande desenvolvimento cultural, favorável ao entrosamento da cultura espírita. A penúria intelectual do movimento espírita contrasta estranhamente com as dimensões conceptuais e as finalidades da Doutrina, a única que oferece a possibilidade de soluções evangélicas para a situação mundial.

Vaidade das vaidades, tudo é vaidade, diz o Eclesiastes. Até mesmo pessoas analfabetas, quando aprendem a lidar grosseiramente com a mediunidade, julgam-se mestres infalíveis. E, criaturas dotadas de diplomas universitários tornam-se seguidores de messias brancos, profetas incultos, que usam sem temor o atrevimento da ignorância para atacar e criticar os que lutam em defesa da Doutrina. Como modificar essa situação desastrosa sem a abnegação de pessoas que, dotadas realmente de formação cultural (e não apenas de diploma), se ponham corajosamente em campo? Esta é a Hora H do Espiritismo. Ou ele se firmará como um processo cultural legítimo, ou será asfixiado pela avalanche de sandices que sobre ele despejam, sem cessar, os pretensiosos irresponsáveis, missionários por conta própria, elaboradores de doutrinas individuais e ridículas, sugeridas pelas mentes sombrias que desejam ridicularizar a Doutrina.

Os que se omitem por comodismo e interesses subalternos, nesta hora decisiva, cantando louvores a todos os absurdos em nome da tolerância e da fraternidade (como se essas duas palavras significassem conivência), são piores que os semeadores de joio, pois são os que estimulam e sustentam o trabalho de sapa no meio doutrinário. A eles podemos aplicar a advertência do Cristo aos fariseus, pois os ladrões e as meretrizes chegarão, antes deles, ao Reino dos Céus.

40. Reencarnação

Quando Nicodemos ouviu dos lábios de Jesus, “importa nascer de novo”, sentiu vacilar, pela extensão que as palavras do Senhor alcançavam na crença judaica. A reencarnação era admitida sob a forma de Ressurreição.

Hoje, com a luz do Espiritismo, a diferença entre os significados dessas palavras foram clareados. Aplica-se o termo ressurreição no caso de Lázaro, que teria retornado à vida terrena, no mesmo corpo. Na reencarnação a volta se dá em corpo diferente, como o caso de João Batista e Elias. Por isso, Jesus disse: importa nascer de novo.

Quando reencarnamos, modelamos o corpo desde os pródromos da concepção, consoante nossas condições íntimas, e nos processos reencarnatórios somos encaminhados aos ambientes que mais atendam às nossas necessidades. Aqueles que devam vencer a prova da bebida, estarão próximos ao círculo dos bêbados e, na luta por não se deixar envolver está o mérito, se conseguir vencer; o espírito que tiver a prova de determinada doença, nascerá junto aos portadores dessa doença e, na luta por bem suportá-la, estará o seu valor e progresso.

Muitos ainda recordam a menção de castigo até a quarta geração, da Bíblia. Podemos sentir que a quarta geração nada mais era – ou será – que aqueles mesmos espíritos que faliram e tornaram a nascer.

Esses fatos nos levam a entender a Justiça da reencarnação. Deus, Bom e Justiceiro, concedendo oportunidades para que o Espírito lute e busque a recuperação quase que nos mesmos caminhos que falira. Além de justa, a reencarnação se torna necessária para o Espírito, terapêutica da alma nas falências morais e inversões de valores naturais do homem.

Oportunidades a oportunidades, o Senhor abre campos ao Espírito necessitado de remir suas faltas ou aprofundar-se no conhecimento.

O conhecimento completo se faz em todos os sentidos e sabemos que o homem, por mais anos que viva, não conseguirá inteirar-se de todo o Saber numa só vida.

A reencarnação é, pois, meio para elevar o espírito pelas oportunidades que apresenta e no condicionamento a que vem envolvida para representar fase necessária para o ajuste com as Leis.

41.

Falta de formação doutrinária

Sem a formação doutrinária, não teremos um movimento espírita coeso e coerente. E, sem coesão e coerência, não teremos Espiritismo. Essa a razão por que os Espíritos Superiores confiaram às mãos de Kardec o pesado trabalho da Codificação. Kardec teve de arcar, sozinho, com a execução dessa obra gigantesca. Porque só ele estava em condições de realizá-la. Depois de Kardec, o que vimos? Léon Denis foi o único dos seus discípulos que conseguiu manter-se à altura do mestre, contribuindo vigorosamente para a consolidação da Doutrina. Era, aparentemente, o menos indicado. Não tinha a formação cultural de Kardec, residia na província, não convivera com ele, mas soubera compreender a posição metodológica do Espiritismo e não a confundia com os desvarios espiritualistas da época.

Depois de Denis, foi o dilúvio. A *Revista Espírita* virou um saco de gatos. A sociedade Parisiense naufragou em águas turvas. A Ciência e a Filosofia Espíritas ficaram esquecidas. O aspecto religioso da doutrina transviou-se na ignorância e no fanatismo. Os sucessores de Kardec fracassaram inteiramente na manutenção da chama espírita, na França. E, quando a Árvore do Evangelho foi transplantada para o Brasil, segundo a expressão de Humberto de Campos, veio carregada de parasitas mortais que, ao invés de extirpar, tratamos de cultivar e aumentar com as pragas da terra.

Tudo isso por quê? Por falta pura e simples de formação doutrinária. A prova está aí, bem visível, no *fluidismo* e no obscurantismo que dominam o nosso movimento no Brasil e no Mundo. Os poucos estudiosos, que se aprofundaram no estudo de Kardec, vivem como náufragos num mar tempestuoso, lutando, sem cessar, com os mesmos destroços de sempre. Não há estudo sistemático e sério da doutrina. E o que é mais grave, há evidente sintoma de fascinação das trevas, em vastos setores

representativos que, por incrível que pareça, combatem por todos os meios o desenvolvimento da cultura espírita.

Enquanto não compreendermos que Espiritismo é cultura, as tentativas de unificação do nosso movimento não darão resultados reais. Darão aproximações arrepiadas de conflitos, aumento quantitativo de adeptos ineptos, estimulação perigosa de messianismos individuais e de grupos. Flammarión, que nunca entendeu realmente a posição de Kardec e chegou a dizer que ele *fez obra um tanto pessoal*, como se vê no seu famoso discurso ao pé do túmulo, teve, entretanto, uma intuição feliz quando o chamou de *bom senso encarnado*. Esse bom senso é o que nos falta; parece ter se desencarnado com Kardec e volatizado com Denis. Hoje, estamos na era do contra-senso. Os mesmos órgãos de divulgação doutrinária que pregam o obscurantismo, exibem pavoneios de erudição personalista, em nome de uma cultura inexistente. Porque cultura não é erudição, livros empilhados nas estantes, fichário em ordem para consultas ocasionais. Cultura é assimilação de conhecimentos e bom-senso em ação.

O que fazer diante dessa situação? Cuidar da formação espírita das novas gerações, sem esquecer a alfabetização de adultos. Mobral: esse o recurso. Temos de organizar o Mobral do Espírito. E começar tudo de novo, pelas primeiras letras; mas isso em conjunto, agrupando elementos capazes, de mente arejada e coração aberto. Foi por isso que propus a criação das Escolas de Espiritismo, em nível universitário, dotadas de amplos currículos de formação cultural espírita.

Podem dizer que há contradições entre Mobral e nível universitário. Mas note-se que falamos de *Mobral do Espírito*. A Cultura Espírita é o desenvolvimento da cultura acadêmica, é o seguimento natural da cultura atual, em que se misturam elementos cristãos, pagãos e ateus. Para iniciar-se na cultura espírita, o estudante deve possuir as bases da cultura anterior. “Tudo se encadeia no Universo”, como ensina, repetidamente, *O Livro dos Espíritos*. Quem não compreende esse encadeamento, tem de iniciar pelo Mobral. Não há outra forma de adaptá-lo às novas exigências da nova cultura.

A verdade nua e crua é que ninguém conhece Espiritismo. Ninguém, mesmo, no Brasil e no Mundo. Estamos todos aprendendo, ainda, de maneira canhestra. E se me permito escrever isto, é porque aprendi, a duras penas, a conhecer a minha própria indigência. No Espiritismo, como já se dava no Cristianismo e na própria filosofia grega, o que vale é o método socrático. Temos, antes de tudo, de compreender que nada sabemos. Então, estaremos, pelo menos, conscientes de nossa ignorância e capazes de aprender.

Mas aprender com quem? Sozinhos, como autodidatas, tirando nossas próprias lições dos textos, confiantes nas luzes da nossa ignorância? Recebendo lições de outros que tateiam como nós, mas que estufam o peito de auto-suficiência e pretensão? Claro que não. Ao menos isso devemos saber. Temos de trabalhar em conjunto, reunindo companheiros sensatos, bem intencionados, não fascinados por mistificações grosseiras e evidentes, capazes de humildade real, provada por atos e atitudes. Assim conjugados, poderemos aprender de Kardec, estudando suas obras, mergulhando em seus textos, lembrando-nos de que foi ele e só ele o incumbido de nos transmitir o legado do Espírito da Verdade. Kardec é a nossa pedra de toque. Não por ser Kardec, mas por ser o intérprete humilde que foi, o homem sincero e puro a serviço dos Espíritos Instrutores.

É o que devemos ter nas Escolas de Espiritismo. Não Faculdades, nem Academias, mas, simplesmente, Escolas. O sistema universitário implica pesquisas, colaboração entre professores e alunos, trabalho conjugado e sem presunção de superioridade por parte de ninguém. O simpósio e o seminário, o livre-debate, enfim, é que resolvem, e não o *magister* do passado. O espírito universitário, por isso mesmo, é o que melhor corresponde à escola espírita. Num ambiente assim, os Espíritos Instrutores disporão de meios para auxiliar os estudantes sinceros e despretensiosos.

A formação espírita exige ensino metódico mas, ao mesmo tempo, livre. Foi o que os Espíritos deram a Kardec: um ensino de que ele mesmo participava, interrogando os mestres e discutindo com eles. Por isso, não houve infiltração de

mistificadores na obra inteiriça, nesse bloco de lógica e bom senso, que abrange os cinco livros fundamentais da Codificação, os volumes introdutórios e os volumes da *Revista Espírita*, redigidos por ele durante quase doze anos de trabalho incessante.

Essa obra gigantesca é a *plataforma do futuro*, o alicerce e o plano de um novo mundo, de uma nova civilização. Seria absurdo pensar que podemos dominar esse vasto acerto de conhecimentos novos, de conceitos revolucionários, através de simples leituras individuais, sem método e sem pesquisa. Nosso papel, no Espiritismo, tem sido o de macacos em loja de louças. É incrível a leviandade com que oradores e articulistas espíritas tratam de certos temas, com uma falsa suficiência de arrepiar, lançando confusões ridículas no meio doutrinário. Temos de compreender que isso não pode continuar. Chega de arengas melífluas nos Centros, de oratória descabelada, de auditórios basbaques, batendo palmas e com palavreado pomposo. Nada disso é Espiritismo. Os conferencistas espíritas precisam ensinar Espiritismo – que ninguém conhece – mas para isso precisam, primeiro aprendê-lo.

Precisamos de expositores didáticos, servidos por bom conhecimento doutrinário, arduamente adquirido em estudos e pesquisas. Expor os temas fundamentais da Doutrina, não é *falar bonito*, com tropos pretensamente literários, que só servem para estufar vaidade, à maneira da oratória bacharelesca do século passado. Esse palavrorio vazio e presunçoso não constrói nada e só serve para ridicularizar o Espiritismo ante a mentalidade positiva e analítica do nosso tempo.

Estamos numa fase avançada da evolução terrena. Nossa cultura cresceu espantosamente nos últimos anos e já está chegando à confluência dos princípios espíritas em todos os campos. A nossa falta de formação cultural espírita não nos permite enfrentar a barreira dos preconceitos para demonstrar ao mundo que Espiritismo, como escreveu Humberto Mariotti, é uma estrela de amor que espera no horizonte do mundo o avanço das ciências. É curiosa e ridícula a nossa situação. Temos o futuro nas mãos e ficamos encravados no passado mitológico e nas querelas medievais.

Mas, para superar essa situação, temos de aprender com Kardec. Os que pretendem superar Kardec, não o conhecem. Se o conhecessem, não assumiriam a posição ridícula de críticos e inovadores do que, na verdade, ignoram. Chegamos a uma hora de definições. Precisamos definir a posição cultural espírita perante a nova cultura dos tempos novos. E só faremos isso através de organismos culturais bem estruturados, funcionais, dotados de recursos escolares capazes de fornecer, aos mais aptos e mais sinceros, a formação cultural de que todos necessitamos, com urgência.

42. A vida futura

Com os conhecimentos atuais da ciência, da astronomia, com os vôos espaciais, muitos já acreditam ter ruído por terra os conceitos religiosos que até bem pouco existiam.

A vida presente, turbilhonando nos vórtices do sensacionalismo, não cogita em muitas oportunidades da calma espiritual, repositória das conquistas da alma. A viagem interplanetária e o transplante de cérebros são notícias sensacionais, enquanto as necessidades nossas e do mundo estão cada vez mais acerbadas.

E, nesse turbilhão, indagamos das crenças e dos hábitos de nossos avós. Será que todo o arcabouço filosófico-religioso já deixou de existir porque alguns instrumentos de observação singraram o espaço cósmico? Será que o hábito de respeito ao dever e amor ao próximo deixou de existir?

Não Cremos! Sentimos que, quanto mais longe avança o saber humano, mais Deus revela sua magnanimidade; em cada vôo espacial revela uma amplidão maior do cosmo, enquanto em cada operação cirúrgica, no corpo humano, revela a perfeição de Sua obra. Notamos, então, que a vida futura, pelos horizontes que se abrem, deixa de ser mero dogma imposto, para converter-se numa necessidade. O homem que vê no macro, e pesquisa no microcosmo, pela Bondade e Justiça Divinas, não pode perder de nada o cabedal de conhecimentos adquiridos por ingentes esforços. Deus, Justo e Bom, como o definem todas as religiões, e como percebemos demonstrado em Sua obra, não deixaria morrer o esforço do progresso com o fenômeno da morte. Crer que sejamos individualidades eternas é crer na continuidade da existência além do túmulo, porque não podemos limitar o Criador ao nosso conhecimento do instante. O saber divino vai além de nós!

A vida futura é necessária como afirmação da própria Justiça Divina e convergência de nossas atenções, uma vez que se condiciona à vida presente. Os preceitos morais, sem ela, perdem

o significado e, com ela, adquirem valor inestimável de virtudes; as lutas de renovação individual e aperfeiçoamento moral adquirem tonalidades de respeito e solidariedade porque as provas e experiências são vistas como bem armazenado para o futuro.

A revelação do Espiritismo quanto à vida futura vem lançar maiores claridades ao que até então se preconizava. A outra vida entra na ordem natural dos fatos, seqüência de progresso a que todos os seres estão submetidos, quer queiram, quer não. Não há privilégios, mas conquistas; não há julgamentos imperiosos, mas verdades justas; somos o que nos aplicamos em ser nesta vida ou na outra.

43.

Religião que se baseia nos resultados da investigação

Provas científicas da sobrevivência do homem, como espírito, substituem a crença pela certeza.

“Respeito o Espiritismo como crença, pois respeito todas as crenças, mas não posso entender a razão por que os seus adeptos e o Irmão Saulo, em particular, insistem em considerá-lo como ciência e filosofia. Não vejo motivos para isso, nem conveniência alguma para o próprio Espiritismo, em se travestir daquilo que ele não é, nem pode ser,” Eis a opinião sincera de muitas pessoas, que um leitor se incumbiu de sintetizar nessas linhas. Opinião sincera, mas, nem por isso, verdadeira. Se o Espiritismo fosse apenas “uma crença”, como querem essas boas criaturas, os seus princípios não estariam confirmados pela investigação científica. E, no entanto, o estão, e diariamente novas provas vêm reforçar as verificações já feitas.

Seria extremamente cômodo, para muitas pessoas, que o Espiritismo se conservasse no plano ingênuo da crença. Assim, não teriam mais do que o trabalho de sorrir, com benevolência, diante do problema da imortalidade da alma, que acarreta para o homem enorme responsabilidade, no tocante aos seus atos presentes. Mas o Espiritismo, desde o seu aparecimento, já mostrou as inevitáveis implicações científicas e filosóficas dos seus princípios. Para começar, devemos dizer que o problema da crença pertence à pré-história do Espiritismo, ao tempo em que os homens acreditavam nas almas do outro mundo, sem saberem como explicá-las. Quando o Espiritismo apareceu, como doutrina racionalmente estruturada, a crença desapareceu, para dar lugar à certeza, e o que é mais importante – à certeza científica.

Quando falamos de certeza científica, no Espiritismo, estamos plenamente conscientes do sentido dessas palavras. Mas acontece que o Espiritismo pode oferecer, aos que se interessarem pelo assunto, um vasto acervo de experiências e

investigações, honrado pelos mais ilustres nomes das ciências, em todo o mundo. E foram esses nomes, de cientistas não-espíritas, os que realmente contribuíram para a formação desse poderoso acervo. De Alfred Russel Wallace e William Crookes, a Charles Richet e Gustave Geley, chegando em nossos dias a Wathely Carington e Harry Price – para só citarmos dois nomes em cada fase histórica –, há um encadeamento perfeito de pesquisas científicas, altamente categorizadas, comprovando a realidade da fenomenologia espírita e as suas conseqüências. Estas conseqüências, como nos mostram Kardec, Léon Denis, Conan Doyle, Oliver Lodge e tantos outros, são, necessariamente, filosóficas e religiosas.

Falar, pois, do Espiritismo, como simples crença, é ignorar um dos capítulos mais empolgantes da investigação científica mundial. E é ignorar, também, a abertura de perspectivas mais amplas para a filosofia e a nova colocação do problema religioso, que o Espiritismo está realizando no mundo. A religião espírita não decorre da crença, mas das provas objetivas da sobrevivência e das conseqüências filosóficas dessas provas.

44.

Problema do sincretismo religioso afro-brasileiro

Não existe “baixo-espiritismo” – Origem sincrética das práticas de macumba – O que dizem os estudos sociológicos.

Consultam-nos, alguns leitores, sobre a tragédia de Santo André, em que um cidadão “que praticava o baixo-espiritismo e o hipnotismo”, segundo o noticiário de imprensa, acabou matando a mulher e ameaçando de morte os próprios filhos. Entre os consulentes, alguns nos enviam recortes de um jornal do Interior, em que certo articulista se aproveitou do caso para atacar o Espiritismo e pedir para o movimento espírita a atenção das autoridades.

De acordo com o noticiário, a tragédia se verificou em virtude de o referido cidadão estar influenciado “por uma força estranha”. Suas declarações, na Polícia, aludem a práticas de “baixo-espiritismo”. Diante de tais referências, os adversários da doutrina, em vez de se compadecerem da pobre criatura, rejubilam-se com a descoberta de um fato em que pensam encontrar motivos suficientes para mostrar ao povo “os perigos do Espiritismo”.

Antes de tudo, devemos esclarecer que não existe nenhuma forma de “baixo-espiritismo”. O Espiritismo é uma doutrina única, suficientemente proposta nas obras de Kardec e de seus sucessores, e suas práticas nada têm a ver com as práticas de macumba e semelhantes, que lhe querem atribuir. A macumba e seus derivados são formas de sincretismo religioso, de mistura de cultos e práticas das religiões que influíram nos primeiros tempos da formação de nosso povo. Qualquer estudante de sociologia, mesmo bisonho, sabe disso.

Os negros escravos, catequizados pelos “sinhôs”, sempre à força, e rebelando-se contra isso, misturaram seus deuses e seus cultos africanos com os santos e o culto católico, juntando-se, ainda, a essa mistura as crenças e práticas de nossos indígenas. Basta consultar Édson Carneiro, Artur Ramos, Manoel Querino e

Gilberto Freire, para se obter uma informação completa desse processo.

O Espiritismo só apareceu no Brasil nos fins do século passado. Seu nascimento se deu na França, em 1857. Como, pois, se poderia responsabilizar o Espiritismo por um sincretismo religioso que se formou no país muito antes do seu nascimento no exterior? As chamadas “práticas de baixo-espiritismo”, portanto, nada têm a ver com o Espiritismo. São práticas do sincretismo religioso afro-brasileiro, no qual até mesmo o islamismo, trazido da África ao Brasil pelos negros, exerce a sua influência.

Ainda há pouco, a Companhia Editora Nacional publicou, em sua coleção “Brasiliana”, na série da Biblioteca Pedagógica Brasileira, valioso trabalho do prof. Waldemar Valente, com prefácio do professor Amaro Quintas, intitulado “Sincretismo religioso afro-brasileiro”. Não se trata de um livro espírita, mas apenas de um estudo sociológico sobre a formação sincrética dos cultos populares no Brasil. Os leitores encontrarão, nesse pequeno e interessante livro, a confirmação do que dissemos nesta crônica, não obstante os defeitos da falta de conhecimento da história e da doutrina espírita, revelados pelo autor.

Atribuir-se, portanto, ao Espiritismo, a culpa da tragédia de Santo André, ou de qualquer outra semelhante, só pode ser obra de ignorância ou de má fé. Seria ainda mais grave do que atribuímos ao Catolicismo a responsabilidade pela tragédia de Canudos e de outras eclosões de misticismo religioso nos sertões. Ninguém pode atribuir a uma doutrina religiosa a culpa pelo desequilíbrio mental de uma criatura. Além disso, como demonstra o médico Inácio Ferreira, em seus livros sobre as curas espíritas no Sanatório de Uberaba, as pessoas desequilibradas geralmente são levadas ao Espiritismo, por amigo, parentes, em busca de cura. Só depois é que se atribui à doutrina a responsabilidade pelo desequilíbrio de que eram portadoras.

No caso particular da tragédia de Santo André, o que parece evidente é que a vítima sofria de um desequilíbrio e procurava curá-lo através de práticas afro-brasileiras. Não se pode tratar

suficientemente de um caso dessa natureza “por ouvir dizer”, ou através do noticiário da imprensa. O caso tem de ser investigado “in loco”, de maneira criteriosa, com isenção de ânimo e sem as idéias preconcebidas que levam a afirmações temerárias. De qualquer maneira, estes casos servem para mostrar a facilidade com que se atribuem ao Espiritismo, ainda hoje, fatos que lhe são, na realidade, estranhos.

45.

Fenômenos espíritas ou parapsicológicos?

A confusão lançada entre nós, pela falsificação comercialista dos cursos de Parapsicologia, produz os seus efeitos. Os professores desses *cursinhos* (trazidos da Espanha juntamente com os *cursinhos* de outra natureza, que respeitamos, por alguns padres espanhóis) fazem com a Parapsicologia o que os toureiros fazem com os touros: transformam-na em objeto de espetáculo, ridicularizam-na e tentam matá-la. Se não o conseguem é porque a ciência não serve para touradas. Mas conseguem confundir o povo, embair multidões e trapacear, até mesmo, com pessoas cultas, mas ingênuas.

É comum ouvirmos a pergunta, que ainda há pouco serviu de título para uma notícia da *Gazeta da Povo*, de Curitiba, reproduzida na primeira página deste jornal: “Que espécie de fenômeno é esse? Parapsicológico ou espírita”. A maioria das pessoas entende que os fenômenos paranormais se dividem em dois tipos: os chamados fenômenos *psi*, da Parapsicologia, e os fenômenos espíritas. Ledo engano, espalhado pelos toureiros-professores, pois os fenômenos paranormais são simplesmente os que o Espiritismo estuda há mais de um século, não existindo, nem podendo existir, qualquer outra espécie do gênero.

A confusão originou-se de duas fontes que também se confundem, pois são irmãs gêmeas: a ignorância e a má fé. Às vezes ignorando, e às vezes fingindo que ignoram, os improvisados professores fazem a seguinte distinção: os fenômenos parapsicológicos são anímicos, produzidos pelo próprio inconsciente das pessoas e, não, por espíritos. Um deles vive proclamando, apoiado numa estatística imaginária, que o fenômeno espírita existe, mas, na proporção de um por mil em relação aos parapsicológicos. Não percebeu, ainda, que essa contradição deixa uma brecha na sua pretensão de negar a realidade do Espiritismo.

A verdade científica é apenas esta: o objeto do Espiritismo e da Parapsicologia são um só – os fenômenos mediúnicos, que

tanto podem ser de natureza anímica como de natureza espírita. Isso está em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns*, obras básicas da Doutrina Espírita, e nas obras científicas do Espiritismo, como estas duas obras monumentais do sábio russo Alexandre Aksakof e do sábio italiano Ernesto Bozzano: *Animismo ou Espiritismo* e *Animismo e Espiritismo*. A diferença dos títulos está apenas nas partículas *ou* e *e* que exprimem o seguinte: em Aksakof, a negação da pretensa distinção feita pelos adversários do Espiritismo no século passado (isto *ou* aquilo) e, em Bozzano, a afirmação da unidade do fenômeno.

As manifestações anímicas, produzidas pelo inconsciente dos sensitivos (ou médiuns), são da mesma natureza que as espíritas, produzidas pela influência de espíritos desencarnados. Porque o espírito encarnado é da mesma natureza que o desencarnado: ambos são espíritos. Daí, a conclusão de Bozzano: “o animismo prova o espiritismo”. Conclusão, por sinal, que referenda o ensino de Kardec a respeito, pois Kardec explica que a comunicação mediúnica só é possível porque o *morto* e o *vivo* são ambos espíritos, com a única diferença de que um está preso ao corpo e o outro está liberto, chegando mesmo a fazer esta comparação: “o homem livre pode falar com o prisioneiro através das grades da prisão”.

Alguns desses professores-toureiros ignoram essa verdade fundamental do Espiritismo e de todas as Ciências Psíquicas. Outros não a ignoram, mas usam de má fé. Ambos pecam pela incompetência. Seu pecado original é um só: a falta de capacitação intelectual e moral para ensinar o que desconhecem ou deturpam. Quem ensina errado, por ignorância, é culturalmente incompetente; quem o faz por má fé é moralmente incapaz, pois a primeira condição do mestre é a honestidade e o amor à verdade.

Todo fenômeno espírita é também parapsicológico. E é também *ódico*, *metapsíquico*, *psico-biofísico*, *mediúnico* e *quejandos*. Todas as chamadas Ciências Psíquicas tiveram sua origem numa única fonte: as pesquisas espíritas. Allan Kardec é reconhecido universalmente como o Pai das Ciências Psíquicas, designação esta que é genérica e distingue a pesquisa dos

fenômenos inabituais da pesquisa, dos fenômenos habituais da Psicologia. A expressão *fenômenos inabituais* foi criada por Charles Richet, o conhecido Prêmio Nobel de Fisiologia (1913), fundador da Metapsíquica, que no tratado básico dessa ciência, reconhece e louva o pioneirismo de Kardec. Alfred Russel Wallace, êmulo de Darwin, na teoria da evolução das espécies, chegou a escrever em sua obra *Os Milagres e o Espiritismo* que a Psicologia é *um espiritismo rudimentar*, pois trata dos fenômenos espíritas do encarnado, do espírito em sua manifestação corporal. E, hoje, o Prof. Rhine, acompanhado por toda uma equipe de parapsicólogos americanos e europeus, sustenta a mesma tese.

Nenhum verdadeiro parapsicólogo jamais negou, nem negará que as Ciências Psíquicas se originaram do Espiritismo. É o que o leitor pode verificar, facilmente, num estudo sério do assunto, tomando por base obras científicas e, não, certos livros escritos por professores-toureiros. Um livro do parapsicólogo argentino, Prof. Ricardo Musso (que não é espírita), tem por título *En los Limites de La Psicologia* e, por subtítulo, *Desde el Espiritismo basta la Parapsicologia*. E o próprio Robert Amadeu, católico e ferozmente antiespírita, reconhece o que acima dissemos, em sua famosa obra *Parapsicologia*, publicada em tradução brasileira, com introdução nossa, pela Editora Mestre Jou, de São Paulo.

A Ciência Psíquica Inglesa, antiga Parapsicologia alemã, a Metapsíquica, a chamada Ciência do Od (*od* é o corpo espiritual ou perispírito), a Teosofia, as escolas de Esoterismo e outras ramificações, nada mais fazem do que estudar, cada qual à sua maneira, os fenômenos espíritas. Não há nem pode haver um objeto diferente para cada uma dessas ciências, porque o psiquismo é um só e os seus fenômenos são sempre os mesmos. O que as distingue é a maneira pela qual encaram os fenômenos psíquicos, os métodos de investigação que utilizam e a interpretação que dão aos fenômenos. Diferenças conceptuais e metodológicas, mas nunca de objeto, porque este é sempre a mesma fenomenologia.

Amadeu tentou estabelecer uma diferença entre os fenômenos psíquicos investigados por essas ciências e o que ele chama de

“fenômenos sobrenaturais”. Simples tentativa de salvar os dogmas católicos da derrubada científica, já, agora, inevitável. Mas a sua posição difere fundamentalmente da atitude assumida pelos professores-toureiros. Primeiro, porque ele coloca o problema em plano cultural, com seriedade, firmando-se na Filosofia Tomista. Depois, porque não faz nenhuma distinção entre fenômenos espíritas e parapsicológicos, reconhecendo honestamente que se trata de um mesmo campo fenomênico. O desenvolvimento da Parapsicologia, que já atingiu o campo dos fenômenos *teta* (comunicações de espíritos) e até mesmo o campo da *paramemória* (lembranças de encarnações anteriores) e está levando eminentes investigadores universitários (não-espíritas) a confirmarem progressivamente toda a Doutrina Espírita, acabará tirando a máscara e a capa de toureiro desses confusionistas. A verdade, que “é” por si mesma e não pede licença para ser, espantará da arena todos esses fantasmas de toureiros.

Notas:

- ¹ Oficialmente, o Espiritismo surgiu em 1857, com o lançamento de *O Livro dos Espíritos*, no dia 18 de abril. Herculano Pires escreveu esta crônica entre janeiro e abril de 1957. (N.E.)
- ² Herculano refere-se à sua coluna do jornal *Diário de São Paulo*.
- ³ 1957.
- ⁴ O autor se refere ao episódio da adulteração de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, em São Paulo, em 1974. Esse fato foi totalmente superado, com a retirada de circulação da obra adulterada. Pior fez, porém, o sr. Roque Jacintho, lançando em 1986, por sua própria editora, uma tradução completamente mutilada de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, sob o pretexto de tornar o livro atualizado. Essa vergonhosa tradução continua circulando em nossos dias. (N.E.)

⁵ Esse congresso foi realizado em 1952 (N.E.)

⁶ Herculano acreditava que Kardec havia se formado em medicina, partindo de informações do biógrafo Henri Sausse. Hoje, porém, está provado que o Codificador, embora possuidor de boa cultura humanística, não fora formado em Medicina.

⁷ 1959 (N.E.)

⁸ Ver o livro *Visão Espírita da Bíblia*, desta mesma Editora. (N.E.)